



FUNDAÇÃO
Ricardo
do Espírito
Santo Silva

O ESPAÇO RURAL

AS ALDEIAS DO XISTO DA SERRA DA LOUSÃ

ESAD | ESCOLA SUPERIOR DE
ARTES DECORATIVAS

Joana Patrícia Matias Marques
Batista

Lisboa | 2015

O ESPAÇO RURAL

AS ALDEIAS DO XISTO DA SERRA DA LOUSÃ

Dissertação apresentada na Escola Superior de Artes Decorativas da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva para obtenção do grau de Mestre em Design de Interiores.

Orientador: Professora Doutora Graça Pedroso
Coorientador: Mestre Arquiteto Pedro Rodrigues

Joana Patrícia Matias Marques Batista
Lisboa | 2016

“Amar a Natureza, é não ferir-lhe o Corpo.

É, sobretudo, não destrocar-lhe a Alma.

Amar a natureza é trocar a serra guilhotina, pela enxada que abre com amor a cova, para a raiz da nova árvore;

É saber guardar a vetustez do velho edifício, a que o tempo retirou a funcionalidade, mas cuja beleza de estilo alimenta o nosso recordar e permanece útil alimentando olhos e alma.

A casa rústica, de corpo xistoso como pedra da paisagem que dela faça parte, e ali tenha nascido;

Amar a natureza, é saber sentir debaixo dos pés, o tapete pedregoso e rude do caminho, que sinuoso, leva ao casebre rústico cheirando a ruína, onde se descansa o prazer, do andar, até ao alto do monte, onde o olhar se enche de magia, no despedir do ocaso.

Deixei estar a natureza. Não a enfeites de atavios, como mulher bela que os não precisa.

E se entendeis que a sua beleza possa ainda ser beneficiada, sede moderados. Não vá a vossa pretensão, desfigurar-lhe a genuína figura.” (Francisco Matias, Coimbra 2015)

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial aos meus pais e avós por todo o apoio incondicional que me têm dado ao longo destes anos e que sem eles, nunca teria chegado até aqui.

À Professora Doutora Graça Pedroso pela orientação desta dissertação.

Ao Mestre Arquiteto Pedro Rodrigues pela partilha de conhecimentos e linhas de pensamentos, essenciais para a execução deste trabalho.

Ao Arquiteto Filipe Costa, por todo o apoio incondicional no decorrer deste trabalho.

Ao Engenheiro Rui Costa, por todo o esclarecimento de dúvidas e transmissão de conhecimentos.

Aos meus amigos, por me ajudarem a descontrair nos momentos mais difíceis.

À Andreia Simões, por ter possibilitado a estadia no edifício a intervir, sem qualquer tipo de custo, pela boa disposição e disponibilidade que demonstrou.

RESUMO E PALAVRAS-CHAVE

Esta dissertação faz uma reflexão sobre o espaço rural onde são abordados novos conceitos de ruralidade e identificados diferentes modelos de intervenção aplicados nos processos de recuperação de espaços rurais mais fragilizados com vista ao seu desenvolvimento sustentável.

No enquadramento da problemática, direciona-se essa reflexão a várias aldeias rurais espalhadas na região centro do país, onde são identificados diferentes programas e ações executadas nestes territórios. As considerações e conclusões são direcionadas a um caso estudo em concreto, o aglomerado de xisto pertencente ao Município da Lousã, avaliando os aspetos positivos e negativos associados à aplicação destes conteúdos programáticos e de que forma poderão contribuir para o desenvolvimento sustentável destes territórios.

É executado um estudo sobre a Vila e Serra da Lousã bem como uma análise individual a cada uma das suas aldeias do xisto, tendo como objetivo principal, interpretar/perceber a evolução destes agregados serranos até aos dias de hoje com o objetivo de definir um conjunto de princípios programáticos a implementar nos difíceis processos de recuperação e reabilitação destas aldeias com vista ao seu desenvolvimento sustentável.

As conclusões e perspetivas são aplicadas numa pré existência localizada na aldeia do Casal Novo denominada de Casa da Eira.

Palavras-chave: Rural, desenvolvimento sustentável, aldeias do Xisto, Serra da Lousã, aldeia do Casal Novo.

ABSTRACT

This dissertation makes a reflection about the rural areas where are discussed new concepts of rurality and identified different intervention models applied in the processes of recovery in rural spaces more fragile with a view to their sustainable development.

In the framework of the problematic, directs to this reflection the various rural villages in the center region, where are identified different programs and actions performed in these territories. The considerations and conclusions are directed to a concrete case study, the agglomerate of schist belonging to Lousã, evaluating the positives and negatives associated will be implementing these programmatic contents and in what way can contribute to the sustainable development of these territories.

Runs a study about the mountains and village of Lousã as well as a review of each village until today with the objective of defining a set of programmatic principles to implement in difficult processes of recovery and rehabilitation of these villages with a view to their sustainable development.

The conclusions and the prospects are applied on a preexistence located in the village of Casal Novo called Casa da Eira.

Key words: Rural, sustainable development, Schist villages, Lousã Mountain, Casal Novo village.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADXTUR- Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto

BTT- Bicicleta Todo o Terreno

CCDRC- Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro

DL- Decreto de Lei

FEDER- Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

GPPAA- Gabinete de Planeamento e Política Agroalimentar

ICN- Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade

NUTII- Região Centro de Portugal

NUTIII- Pinhal Interior Norte

PENDR- Plano Estratégico Nacional para o Desenvolvimento Rural

PNPOT- Programa Nacional de Política de Ordenamento do Território

PNDR- Plano Nacional de Desenvolvimento Rural

PAPH- Programa das aldeias Históricas de Portugal

PAX- Programa das Aldeias do Xisto

PDR- Programas de Desenvolvimento Rural

PIB- Produto Interno Bruto

PORC- Programa Operacional da Zona Centro

RAX- Rede de Aldeias do Xisto

TER- Turismo em Espaço Rural

UNESCO- United Nations Educational Scientific and Cultural Organization

WTTC- World Travel & Tourism Council

ZPE- Zona de Proteção Especial

ZEC- Zona Especial de Conservação

ÍNDICE

Agradecimentos	4
Resumo e palavras-chave	5
Abstract.....	6
Lista de siglas e abreviaturas	7
Índice de figuras	12
Índice de tabelas	17
Índice de gráficos.....	18
Índice de ilustrações	19
Introdução	20
CAPÍTULO I O ESPAÇO RURAL - DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	22
1.1 Introdução ao Conceito de Rural	22
1.2 Modelos de Intervenção no Espaço Rural	24
CAPÍTULO II A REDE DAS ALDEIAS DE XISTO	26
2.1 Contextualização	26
2.2 Programas de Recuperação das Aldeias do Xisto	26
2.2.1 O Programa das Aldeias Históricas de Portugal (PAHP)	26
2.2.2 Programa das Aldeias de Xisto (PAX)	27
2.2.3 Análise Programática	33
CAPÍTULO III DESENVOLVIMENTO RURAL – TURISMO.....	36
3.1 O Papel do Turismo para as Aldeias do Xisto	36
3.1.1 Turismo em Espaço Rural (TER)	36
CAPÍTULO IV EXEMPLOS DE RECUPERAÇÃO DE ALDEIAS DE XISTO	40
4.1 O Exemplo da Aldeia do Piódão	40
4.1.1 Localização	40
4.1.2 Caracterização da Aldeia do Piodão	41
4.1.3 Programas e Intervenções realizados na Aldeia de Piódão.....	42
CAPÍTULO V CASO ESTUDO - O AGLOMERADO SERRANO DA SERRA DA LOUSÃ	45
5.1. Contextualização	45
5.2. Caracterização da Serra e Vila da Lousã	47
5.2.1 Enquadramento Territorial.....	47

5.2.2 Caracterização Física	48
5.2.3 Clima.....	49
5.2.4 Fauna e Flora	50
5.2.6 Caracterização Socioeconómica	52
5.2.7 Rede de Acessibilidades e Transportes.....	52
5.2.8 Produtos Endógenos e Turismo da Região	53
5.3 Caracterização do aglomerado Serrano da Serra da Lousã	55
5.3.1 História da Ocupação das Aldeias do Xisto.....	55
5.3.2 Património Edificado - Arquitetura do Xisto.....	56
5.3.3 Caracterização cultural, social e económica	59
5.3.4 Programas e Intervenções realizadas nas Aldeias do xisto da Serra da Lousã	61
5.4 As aldeias hoje.....	62
5.4.1 A aldeia da Cerdeira	63
5.4.2 Candal	67
5.4.3 Chiqueiro	70
5.4.4 Talasnal	73
5.4.5 Casal Novo.....	77
5.5 Análise quantitativa da situação atual de cada aldeia.....	79
5.6 Enquadramento Legal.....	82
CAPITULO VII PROPOSTA: MODELO DE INTERVENÇÃO - CASAL NOVO	86
7.1 Memória descritiva e justificativa	86
7.1.1 Contextualização da proposta	86
7.1.2 Localização do edifício Casa da Eira, aldeia do Casal Novo	87
7.1.3 Levantamento do Edifício.....	87
7.1.5 O edifício	93
7.1.10 Organização do Programa.....	95
7.1.8 Intenções do Proposta	96
7.1.7 Intenção do projeto	96
7.1.11 Conceito espacial	97
7.1.12 Materialização.....	98
7.2 Modelação 3D da proposta.....	102
CONCLUSÃO.....	110
BIBLIOGRAFIA	113

ANEXO.....	117
-------------------	------------

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Localização das Aldeias do Xisto na zona Centro de Portugal (NUTII).....	28
Figura 2- Selo de recomendação - ADXTUR	30
Figura 3- Marca, Aldeias do Xisto	30
Figura 4- Produtos comercializados na loja do Candal	33
Figura 5- Produtos comercializados na loja de Aigra Nova.....	33
Figura 6- Campos agrícolas e sinalética utilizadas na aldeia de Aigra Nova	34
Figura 7- Sinalética utilizada á entrada da aldeia de Aigra Nova	34
Figura 8- Ecomuseu da aldeia de Aigra Nova.....	34
Figura 9- Equipamentos urbanos, aldeia da Comareira.....	34
Figura 10- Aldeia do Piódão.....	40
Figura 11- Localização da Aldeia do Piódão, Concelho de Arganil, Serra do Açor.....	41
Figura 12- Posto de Turismo, Piódão	43
Figura 13- Igreja do Piódão.....	43
Figura 14- Comercio de produtos tradicionais do Piódão	43
Figura 15- Restaurante, Piódão	43
Figura 16- Localização das Aldeias do Xisto pertencentes ao Concelho da Lousã	45
Figura 17- Habitante da aldeia do Vaqueirinho.....	46
Figura 18- Vista aérea da localização das aldeias do xisto pertencentes ao Município da Lousã	47
Figura 19 - Praia fluvial o Cabril.....	54
Figura 20- Fluvial e Santuário da Nossa Senhora da Piedade, Burgo.....	54

Figura 21- Aldeia da Cerdeira, Lousã	56
Figura 22- Habitação de xisto antiga, pormenor do soalho do primeiro andar, aldeia da Cerdeira	58
Figura 23- Habitação primitiva de telhado de colmo	59
Figura 24- Ilustração casa de xisto antiga	57
Figura 25- Aldeia da Cerdeira	63
Figura 26- Alminha, Cerdeira	66
Figura 27- Escultura na aldeia da Cerdeira	66
Figura 28- Atelier de Kerstin Thomas, Cerdeira	67
Figura 29- Antiga Represa, Cerdeira	67
Figura 30- Aldeia do Candal	67
Figura 31- Aldeia do Chiqueiro	70
Figura 32- Aldeia do Talasnal	73
Figura 33- Bar o Curral aldeia do Talasnal	75
Figura 34- Bar o Curral aldeia do Talasnal	75
Figura 35- Restaurante o Retalhinho, Talasnal	76
Figura 36- Loja do restaurante o Retalhinho, Talasnal	76
Figura 37- Cozinha do restaurante Ti Lena, Talasnal	76
Figura 38- Restaurante Ti Lena, Talasnal	76
Figura 39- Aldeia do Casal Novo	77
Figura 40- Eira, Casal Novo	79
Figura 41- Eira, Casal Novo	79

Figura 42- Eira, Casal Novo	88
Figura 43- Eira, Casal Novo	88
Figura 44- Alçado Poente, Casa da Eira.....	88
Figura 45- Entrada Principal, Casa da Eira	88
Figura 46- Volume 3, Casa da Eira	88
Figura 47- Entrada secundária; Casa da Eira	88
Figura 48- Entrada secundária, Casa da Eira.....	88
Figura 49- Volume 3; Casa da Eira	88
Figura 50- Alçado nascente, Casa da Eira.....	89
Figura 51- Chaminé Volume 2, Casa da Eira.....	89
Figura 52- Terreno exterior, Casa da Eira	89
Figura 53- Ligação entre os volumes, Casa da Eira	91
Figura 54- Acesso ao exterior, alçado nascente, Casa da Eira	91
Figura 55- Anexo Volume 2, Casa da Eira.....	91
Figura 56- Telhado Volume 2 e Eira;.....	89
Figura 57- Terreno exterior, Casa da Eira	89
Figura 58- Volume 1, piso 1	90
Figura 59- Volume 1, piso 1	90
Figura 60- Volume 1, piso 1	90
Figura 61- Volume 1, piso 1	90
Figura 62- Escadas do V1, Piso 1.....	90
Figura 63- Escadas do V1, Piso 1.....	90

Figura 64 - Escadas do V1, Piso 0	90
Figura 65- Acesso do V1 para V2	90
Figura 66- Acesso do V1 para V2	90
Figura 67- Volume 1, piso 0	91
Figura 68- Volume 1, piso 0	91
Figura 69- Volume 2	91
Figura 70- Volume 2	91
Figura 71- Volume 2	91
Figura 72- Volume 2	91
Figura 73- Lareira, V2	92
Figura 74- I.S., anexo V2	92
Figura 75- Volume 3	92
Figura 76- Volume 3	92
Figura 77- Acesso ao exterior, Volume 3	92
Figura 78- Volume 3	92
Figura 79- Volume 3	92
Figura 80- Volume 3	93
Figura 81- Volume 3	93
Figura 82- Volume 3	93
Figura 83- Mercearia, 3D	102
Figura 84- Mercearia, 3D	102
Figura 85- Mercearia, 3D	103

Figura 86- Merceria, 3D	103
Figura 87- Merceria, 3D	104
Figura 88- Merceria, 3D	104
Figura 89- Merceria, 3D	105
Figura 90- Merceria, 3D	105
Figura 91- Restaurante, 3D.....	106
Figura 92- Restaurante, 3D	106
Figura 93- Restaurante, 3D.....	107
Figura 94- Cozinha, 3D	107
Figura 95- Restaurante, 3D.....	108
Figura 96- Bar, 3D.....	108
Figura 97- Bar, 3D.....	109
Figura 98- Bar, 3D.....	109

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Evolução da População da Freguesia do Piódão, em 1991-2001)	42
Tabela 2- Evolução da População da Freguesia do Piódão, em 1991-2001	42
Tabela 3- Rede Natura 2000 – Sítios da Serra da Lousã	51
Tabela 4- Rede Natura 2000 – Sítios da Serra da Lousã	51
Tabela 5- Evolução da População do Casal Novo, Cerdeira, Candal, Chiqueiro e Talasnal (1885-2011)	60
Tabela 6- Dados referentes à aldeia da Cerdeira	63
Tabela 7- Dados referentes á aldeia do Candal	67
Tabela 8- Dados referentes à aldeia do Chiqueiro	70
Tabela 9- Dados referentes á aldeia do Talasnal	73
Tabela 10- Dados referenrentes à Aldeia do Casal Novo	77
Tabela 11- Situação atual de cada aldeia	80
Tabela 12- Peças de autor utilizadas no projeto	101

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Gráfico Pluviométrico, Estação meteorológica da Lousã.....	49
Gráfico 2- Situação atual de cada aldeia	81

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1- Interdependencia de diferentes vertentes proposta nos programas	35
Ilustração 2- Interdependencia das vertentes aplicadas	35
Ilustração 3- Planta, Aldeia do Casal Novo.....	87
Ilustração 4- Planta de cobertura do edifício a intervir – Casa da Eira	87
Ilustração 5- Esquema da distribuição do programa	95
Ilustração 6- Esquema concetual do espaço	97
Ilustração 7- Métrica utilizada para os modulos desenvolvidos na área da mercearia.....	99

INTRODUÇÃO

A Serra e Vila da Lousã são detentoras de um rico património histórico, cultural, gastronómico e natural. Testemunho deste património são as Aldeias do Xisto pertencentes a este Município. Estas aldeias, perdidas na serra, fazem parte de um importante e curioso testemunho de tradições associadas aos povos que sucessivamente ali habitaram. São caracterizadas como espaços profundamente rurais, por onde o tempo não passou e onde o progresso levou as suas gentes para outras terras. Ao abandono, estes tesouros escondidos que tanto embelezam o nosso território encontram-se em perigoso estado de degradação.

A compreensão dos problemas associados a estes aglomerados serranos e a necessidade iminente de inverter a sua situação levam ao dever de preservar este património de múltiplos interesses pois, se por um lado, estes territórios apresentam fortes fragilidades, por outro, guardam em si, grandes potencialidades na sua diversidade de recursos sejam eles, naturais, humanos, históricos, culturais e ambientais.

Para inverter o estado atual destes aglomerados serranos é necessário compreender o que os caracteriza, apontando-se como crucial, entender o conceito de rural bem como as diretrizes para a intervenção no mesmo pois, falar no tema das aldeias do xisto é falar sobre espaço rural.

Com o desenrolar de grandes mudanças na sociedade, verifica-se que o conceito de rural tem-se vindo a alterar. Tal facto tem consequências diretas nos termos dos conteúdos programáticos a aplicar na recuperação e revitalização destes territórios, fazendo surgir assim novos modelos de intervenção. Estes modelos têm vindo a ser aplicados em inúmeras aldeias espalhadas pela região centro de Portugal e funcionam como desencandadores de ações sociais e económicas revelando-se uma mais-valia para a recuperação destes territórios mais fragilizados.

Para uma melhor compreensão destes modelos de desenvolvimento torna-se pertinente refletir sobre as intervenções e modificações feitas até agora nestes territórios, bem como a aplicação dos conteúdos programáticos avaliando os aspetos positivos e negativos associados. Por ser um programa bastante extenso, optou-se por dirigir essa reflexão ao aglomerado serrano pertencente ao município da Lousã que detém 5 destes espaços profundamente rurais: Cerdeira, Candal, Chiqueiro, Talasnal e Casal Novo.

Através da análise e reflexão destes espaços rurais abrangidos pelos programas de recuperação pretende-se interpretar/perceber a evolução dos agregados serranos até aos dias de hoje. Como

objetivo pretende-se definir um conjunto de princípios programáticos a implementar nos difíceis processos de recuperação e reabilitação destas aldeias com vista ao seu desenvolvimento sustentável na medida em que combine as suas vertentes, económicas, sociais e patrimoniais.

Foi escolhida uma das aldeias deste município, a aldeia do Casal Novo, para a aplicação de um equipamento âncora cujo seu conteúdo programático possa ser aplicado futuramente em outras aldeias do xisto. Foi definido um programa de carácter multifuncional que sirva as atuais necessidades desta aldeia bem como das aldeias mais próximas.

Para aplicação programática, foi utilizada uma pré existência na aldeia do Casal Novo denominada de a Casa da Eira.

CAPÍTULO I | O ESPAÇO RURAL - DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

1.1 Introdução ao Conceito de Rural

As aldeias do xisto estão intimamente ligadas com a intervenção no espaço rural, apontando-se como crucial a compreensão do conceito de rural bem como as diretrizes para a intervenção no mesmo.

O território português é constituído por vastas áreas rurais, que ocupam cerca de 92.7% do espaço nacional, nelas residindo cerca de 27% da população total, dados da GPPAA¹ (2007-2013). As suas características são muito diversificadas, por um lado, apresentam fortes fragilidades a nível económico, demográfico e serviços, no entanto, e em contrapartida, são espaços que guardam em si grandes potencialidades na diversidade de recursos sejam eles, naturais, humanos, históricos, culturais e ambientais.

Para o geógrafo João Ferrão (2000), *“Historicamente, o mundo rural destaca-se por se organizar em torno de uma tetralogia de aspetos bem conhecida: uma função principal: a produção de alimentos; uma atividade económica dominante: a agricultura; um grupo social de referência: a família camponesa, com modos de vida, valores e comportamentos próprios; um tipo de paisagem que reflete a conquista de equilíbrios entre as características naturais e o tipo de atividades humanas desenvolvidas.”* (Ferrão, 2000)

João Ferrão refere ainda que este mundo rural se opõe claramente ao mundo urbano tanto pela sua economia como pelos grupos sociais e paisagens.

Também para a Professora Doutora Marta Marques (2002) *“(…) O espaço rural corresponde a aquilo que não é urbano, sendo definido a partir de carências e não de suas próprias características.”* (Marques, 2002)

Neste sentido o conceito de espaço rural pode ser definido por um conjunto habitacional de reduzida construção, cercado por grandes paisagens naturais. Este conceito é associado diretamente a uma forte ligação com a terra, com uma economia baseada essencialmente na

¹ Gabinete de Planeamento e Política Agroalimentar.

agricultura como forma de subsistência, dependendo dos recursos locais existentes. São caracterizados também pela sua baixa densidade populacional e as relações sociais assentes na base da entreatajuda.

Mas, com o desenrolar de grandes mudanças na sociedade, o conceito de rural tem-se vindo a alterar quer junto de entidades públicas quer pelo público em geral. João Ferrão (2000, pág. 5-6) refere que nos anos 80, os espaços rurais sofreram uma nova invenção onde a principal atividade destes meios deixou de ser a agricultura, adquirindo uma nova realidade assente no seu vasto património e procura pela natureza.

O meio rural começa a ser visto como um recurso que contem em si várias potencialidades e esta mudança leva a que a conservação dos patrimónios históricos e culturais seja uma ação fundamental na mercantilização destas paisagens rurais, como resposta rápida à expansão de novas práticas de consumo.

Com uma visão mais positiva destes espaços, e com a grande procura a que hoje estão sujeitos, é fundamental desenvolver novas atividades de carácter económicas e social que fortaleçam estas regiões de forma a inverter os problemas que configuram o mundo rural, que ao longo das últimas décadas tem sido secundarizado em termos de prioridades de investimento.

Segundo o PENDR (2007-2013)², com esta necessidade de desenvolvimento, os processos devem ser sustentáveis, na medida em que, devem inserir as suas vertentes económica e social. Não será possível o desenvolvimento destas zonas rurais sem um desenvolvimento de economias que consigam competir no mercado.

A herança do património rural quer seja “ *natural ou cultural, paisagístico ou arquitetónico, histórico ou artístico, o rico património das zonas rurais (...) é realmente um recurso que devemos valorizar e coloca-lo ao serviço de um novo desenvolvimento. Para alguns territórios, esta herança é mesmo "o" recurso em torno do qual giram as estratégias de desenvolvimento e a vontade de moldar uma nova identidade local.* ” (Champetier, *El Recurso Patrimonio*, 1998)

² (PENDR) 2007-2013- Plano Estratégico de Desenvolvimento Rural, como refere o GPPAA, é um plano estratégico nacional e constitui o regulamento relativo ao apoio e desenvolvimento de espaços rurais através de fundos comunitários europeus.

1.2 Modelos de Intervenção no Espaço Rural

“As recentes transformações dos meios rurais (...) passam, não só pela captação de novos residentes, visitantes, atividades económicas e mercados externos que absorvam os produtos de economia local, como pela transformação da identidade simbólica desses lugares”. (Silva M. L., 2009)

A reorganização do espaço rural está ligada a uma reorganização social, económica, territorial, e tecnológica. Serão mencionados dois modelos de intervenção no espaço rural que tem servido de base a estas modificações. O modelo Funcionalista e o modelo Territorialista.

O modelo funcionalista é direcionado para o negócio do turismo, procura aumentar a variedade de ofertas em lugares criteriosamente escolhidos, tendo em conta os seus potenciais económicos.

O modelo territorialista atribui mais valor ao património e recursos humanos. Centra-se na valorizando do desenvolvimento local, como por exemplo a criação de empregos e que permite usufruir da beleza e do bem-estar.

Como refere a Socióloga Célia Quintas (2000), os dois modelos de intervenção no espaço rural acima referidos, deverão ser inteligentemente conjugados de forma a conseguir uma modificação no sentido construtivo. *“O desenvolvimento local caracteriza-se assim por ser um processo que conjuga elementos de natureza funcionalista e territorialista, com o intuito de conseguir alcançar uma alteração positiva dos hábitos de consumo, potenciando ao mesmo tempo uma evolução a nível sociocultural.” (Quintas, 2000)*

A conceção de uma proposta de intervenção no espaço rural, não poderá ignorar aspetos que são parte do próprio contexto da intervenção. Deverão identificar-se as linhas orientadoras gerais e fazer-las convergir na proposta de requalificação.

Na conceção e elaboração deste trabalho, serão colocadas em destaque as linhas orientadoras de maior importância para a requalificação das Aldeias do Xisto.

Linhas gerais de intervenção no espaço rural:

-Criação de programas sustentáveis que combinem as vertentes ambiental, económica e social, através de uma gestão ponderada dos recursos e relação dos elementos construídos com a envolvente;

- Promover o carácter de multifuncionalidade do espaço, direccionando o seu uso para uma função contemplativa, lúdica e recreativas relacionadas com o meio envolvente;
- Promover a unificação entre a forma e função de todo o espaço a intervir;
- Gestão ponderada dos recursos naturais existentes com vista em potenciar a biodiversidade dos locais;
- Identificar, recuperar, preservar e valorizar o património, garantindo a lembrança de um passado na nova estruturação, criando contextos para a utilização e promoção turística;
- Criação de equipamentos de infraestruturas básicas que estimulem a economia, através de uma base produtiva, como a agricultura, tendo como objetivo criar investimentos e riqueza;
- Envolvimento da população local nos processos de intervenção;
- Planeamento das intervenções através de um estudo aprofundado de cada espaço, da sua envolvente e população;
- Os espaços, sempre que possível, devem cumprir a lei das acessibilidades e cada área se adequar aos fluxos previstos;
- Preferência por materiais locais e naturais.

CAPITULO II | A REDE DAS ALDEIAS DE XISTO

2.1 Contextualização

Devido à diversidade das paisagens e da sua natureza é importante contextualizar a distribuição das aldeias rurais nas diversas zonas do País.

A Região Centro de Portugal (NUTII), mais concretamente, a região do Pinhal Interior Norte (NUTIII) abrange um amplo território, cerca de 23.062,4 Km², apresenta uma grande diversidade geológica, onde a variedade de granitos constitui a parte relevante da sua crosta terrestre. Apresenta muitas variantes a nível económico, ambiental, cultural, social e histórico que influenciam as paisagens naturais e as transformadas pelo homem. A região centro Oeste onde a crosta de granito dá lugar à predominância do xisto encontram-se dispersas quase “escondidas” 27 Aldeias do Xisto, estas aldeias, fazem parte de um rico e importante património da região centro de Portugal.

Como já foi referido anteriormente, a procura por estes pequenos núcleos e o interesse pela recuperação dos mesmos tem vindo a crescer e têm sido um dos responsáveis pelo desenvolvimento das áreas rurais que as envolvem.

2.2 Programas de Recuperação das Aldeias do Xisto

O modelo territorial sustentável surgiu na Europa nos finais da década de 80 e serviu de base de desenvolvimento para espaços rurais fragilizados. Segundo refere o Mestre e Doutor em Geografia Paulo Carvalho (2013), este modelo foi um grande ponto de viragem e quando Portugal foi beneficiado com fundos estruturais europeus, desenvolveram-se programas com vista à recuperação de diversas aldeias no interior do país. Surgiram programas como o PAHP (Programa das Aldeias Históricas de Portugal) e o PAX (Programa das Aldeias de Xisto). Estes programas tinham como objetivo principal desencadear ações sociais e económicas em espaços rurais de economia debilitada.

2.2.1 O Programa das Aldeias Históricas de Portugal (PAHP)

Este programa tem como principal objetivo: a valorização do património, dinamização turística, dinamização cultural e requalificação dos espaços públicos.

O Programa de Recuperação das Aldeias Históricas teve início em 1987 com as aldeias de Almeida, Castelo Mendo, Castelo Novo, Castelo Rodrigo, Idanha-a-Velha, Linhares da Beira, Marialva, Monsanto, Piódão, Sortelha, Belmonte e Trancoso.

As várias características de que estas dez aldeias eram possuidoras, determinavam os critérios da sua escolha para a intervenção. A existência de um património arquitetónico, ambiental, histórico, cultural, baixa densidade populacional e falta de infraestruturas base.

2.2.2 Programa das Aldeias de Xisto (PAX)

Verificado o resultado positivo conseguido com o PAHP surgiu, em 2001, no PORC (Programa Operacional da Região Centro) a medida II.6 (componente FEDER), um novo programa, específico para as aldeias de xisto, denominado com a sigla PAX (Programa das Aldeias de Xisto), implementado pela CCDRC, Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional Centro. Este Programa PAX tem na sua liderança a ADXTUR, Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto, entrando em parceria com 21 Municípios da Região Centro.

As grandes linhas de ação do PAX centram-se em quatro vertentes, diferenciadas mas ao mesmo tempo interdependentes entre si, sendo elas a vertente Social, Patrimonial, Turística e Comunicação/Marketing.

“Vertente Social: envolver os residentes no processo “o que fazer?”; melhorar a qualidade de vida dos residentes; fixar os residentes; atrair novos residentes; elevar a autoestima dos residentes; qualificar os residentes para um melhor relacionamento com o exterior; potenciar pequenas economias locais.

Vertente Patrimonial: considerar o conjunto edificado “aldeia” como um valor patrimonial em si; considerar como “valor patrimonial”, o construído e o imaterial; enquadrar/ligar a aldeia no meio envolvente (património natural).

Vertente Turística: fomentar o surgimento de unidades de alojamento (TER) - Turismo em Espaço Rural; criar elementos informativos na aldeia; motivar a atenção de agentes turísticos (empresas de animação); rede de atrações: centros interpretativos e ecomuseus.

Vertente de Comunicação e Marketing: afirmar uma Marca de Identidade para o território representando a oferta de serviços turísticos como hotéis, pousadas, alojamento em espaço

rural, restauração, animação turística e comércio tradicional; possibilitar um sentido de corpo entre as comunidades abrangidas; potenciar a articulação - efeito de escala.” (ADXTUR, 2009)

Foram seleccionadas 24 Aldeias em 14 concelhos na região centro. A candidatura de cada uma delas foi promovida pelas respetivas Câmaras Municipais através de um documento denominado Planos de Aldeia³. As 24 Aldeias do Xisto abrangidas pelo programa foram: Aigra Nova, Aigra Velha, Comareira, Pena (Góis); Candal, Casal Novo, Cerdeira, Chiqueiro, Talasnal (Lousã); Casal de S. Simão (Figueiró dos Vinhos); Benfeita, (Arganil); Sarzedas, Martim Branco (Castelo Branco); Janeiro de Cima, Barroca (Fundão), Gondramaz (Miranda do Corvo), Álvaro (Oleiros), Fajão, Janeiro de Baixo (Pampilhosa da Serra), Ferraria de São João (Penela), Figueira (Proença-a-Nova), Pedrógão Pequeno (Sertão), Água Formosa (Vila de Rei), Foz do Cobreão (Vila Velha de Ródão).



Figura 1- Localização das Aldeias do Xisto na zona centro de Portugal (NUTII); Fonte: (ADXTUR, Aldeias do xisto, A descoberta começa aqui, Janeiro 2009)

³ Plano de Aldeia é uns documentos que contem um estudo aprofundado sobre uma aldeia, incluindo a sua população, estruturas físicas, animação e comunicação.

Segundo refere o documento ADXTUR (2009), ao longo destes últimos anos os meios utilizados para a recuperação destas aldeias foram principalmente canalizados para a reabilitação dos imóveis públicos, privados e infraestruturas como saneamento, água, luz e telefone. Foram igualmente realizadas ações a nível social, direcionadas à população das aldeias tendo como objetivo dotá-las de competências necessárias em áreas de atendimento turístico, gastronomia e ofícios tradicionais.

O PAX, através de uma contínua procura por melhorias, entendeu que o seu impacto ultrapassava as expectativas e que, pela oferta dos seus produtos turísticos, exigia a necessidade de se afirmar pela sua diferenciação. Foi então criada a marca “Aldeias do Xisto”, que continha em si a constituição Rede das Aldeias do Xisto: *“Xisto, elemento identificador do território; aldeias, elementos representativos da organização socioeconómica; agregação, existência de uma marca-chapéu “Aldeias do Xisto” que agregue os recursos endógenos e a iniciativa económica do território; parceria, funcionamento em rede dos agentes públicos e privados do território e partilha de uma estratégia integrada comum.”* (ADXTUR, 2009)

O projeto de dinamização da Rede das Aldeias do Xisto já alargou a sua marca a submarcas através de um projeto de promoção, comunicação e animação em rede que promovesse os valores endógenos dos territórios: natureza, desporto ao ar livre, tradição, património, gastronomia, lazer e alojamento rural.

Sub-redes da marca:

- Redes de Lojas das Aldeias do Xisto, *“Estas Lojas, seja em ambientes citadinos ou imersas em ambientes rurais, (re)vivem o paradigma antigo da mercearia da aldeia, mas com um toque de inovação que permite o cruzamento de linguagens e pessoas diversas num mesmo espaço. É lá que o visitante encontra produtos tradicionais ou peças de autor, mas é lá também que os habitantes das Aldeias vão para comprar feijão, pão e trocar dois dedos de conversa. As Lojas são excelentes pontos de partida para descobrir outros atrativos, sejam um percurso pedestre, na Figueira, uma Maternidade das Árvores, em Aigra Nova, gravuras rupestres, na Barroca, entre muitos outros.”* (<http://aldeiasdoxisto.pt>, s.d.)

Já existem lojas em funcionamento em Aigra Nova, Aldeia das Dez, Barroca, Benfeita, Pampilhosa da Serra, Candal, Casal de S. Simão, Coimbra, Fajão, Figueira, Lisboa, Martim Branco, Montra Casa das Tecedeiras, Montra CIT Pedrógão Grande, Montra H2otel, Montra Hotel Santa Margarida, Montra Húmus - Leiria, Montra O Risco - Aveiro e em Barcelona – Espanha.

- Calendário de Animação das Aldeias do Xisto, um programa permanente de eventos que inclui *workshops* e atividades inseridas num contexto rural;
- Rede de Praias Fluviais, que junta algumas das zonas fluviais mais deslumbrantes do território.
- Rede dos percursos pedestres e de BTT;
- Rede dos Centros Interpretativos e dos ecomuseus.

Todo este projeto foi consolidado através da criação de um Selo de Recomendação das Aldeias do Xisto, que indica a qualidade e certifica todos os produtos e serviços garantindo assim que cumpre todos os requisitos legais, de qualidade e filosofia da rede exigidos pela ADXTUR.



Figura 2- Selo de recomendação, ADXTUR; Fonte: (www.aldeiasdoxisto.pt)



Figura 3- Marca, Aldeias do Xisto; Fonte: (www.aldeiasdoxisto.pt, s.d.)

Apesar dos fatores positivos e mais-valias reconhecidas deste programa, foram surgindo algumas críticas como refere (Cluny , 2012), os textos legais existentes não são coerentes com as ações realizadas. Estas centraram-se principalmente na valorização das infraestruturas em perda das ações sociais. O próprio documento ADXTUR (2009), referência que as principais ações foram canalizadas para reabilitação dos imóveis públicos, privados e infraestruturas decorando os programas sociais e potenciais economias locais.

Após uma visita às aldeias de Casal Novo, Talasnal, Chiqueiro, Cerdeira e Candal na Lousã; á aldeia de Gondramaz em Miranda do Corvo e às aldeias de Aigra nova e Aigra Velha, Pena e Comareira em Gois é bem visível essa incoerência. Não sendo possível analisar as 27 aldeias do xisto abrangidas por estes programas, esta análise centrou-se nas aldeias pertencentes ao Município da Lousã, sendo que as aldeias de Miranda do Corvo e Gois serviram como base de comparação.

Analisando as grandes linhas de ação do PAX através da visita em formato turístico a estas oito aldeias do Xisto pode constatar-se:

No que se refere á valorização do património, são visíveis as grandes melhorias conseguidas, nomeadamente a pavimentação dos acessos viários, reabilitação dos percursos nas aldeias, reabilitação do edificado, implantação de equipamentos urbanos, melhoria nos estacionamento, saneamento, água, luz e telefone no entanto, apontam-se algumas debilidades.

Nem todas as aldeias estão equivalentes a nível de conservação do património, em alguns destes espaços pode observar-se um elevado número de edifícios em ruína ou devolutos nomeadamente nas aldeias pertencentes ao município da Lousã. O acesso viário á aldeia da Pena em Gois ainda é um sinuoso percurso de terra batida e a pavimentação dos acessos às aldeias da Lousã só foram executados no final do ano 2014 início de 2015, melhorias essas que ainda se encontram em curso.

Na vertente Social, estes programas foram quase ineficazes. Estas aldeias continuam em parcial abandono e praticamente desabitadas. As aldeias continuam sem uma economia própria e, qualificar os residentes para um melhor relacionamento com o exterior como que “prepara-los para um atendimento turístico ou fabrico de produtos para os turistas”, não é de todo suficiente. Tal ação pode ser encarada como uma preparação da população para estar á disposição de planos turísticos e não combate as verdadeiras dificuldades sociais e, se muitas destas aldeias não têm habitantes, como tal ação pode ser executada?

“O aumento da procura e da oferta de turismo rural em Portugal, assim como os princípios dos programas e medidas políticas que as têm enquadrado, levanta algumas questões importantes, cujo debate consideramos urgente. Desde logo, o esquecimento do carácter produtivo das áreas rurais, conduzindo esta situação à perceção do rural como espetáculo, como cenário, como paisagem por parte do Estado e dos visitantes.” (Figueiredo, 2001)

A vertente Turismo e Comunicação e Marketing ganham alguma força, mas é de salientar que ainda existem poucas unidades de alojamento em espaço rural que comportem um maior fluxo de visitantes a estes espaços. Este facto tem consequências diretas no funcionamento dos inúmeros programas de atividades e *Workshops* ligados diretamente ao turismo rural. Estas atividades têm uma excelente base programática e estão perfeitamente adaptadas ao meio e, apesar de uma boa contextualização e integração destas atividades, estas são de difícil acesso, na medida em que, a maioria acontecem uma vez por ano e algumas delas têm preços demasiado elevados para poderem ser rentáveis. Estas aldeias são procuradas por um público alvo muito

alargado, desde as classes mais jovens às classes mais idosas, desde pessoas com um elevado poder financeiro a classes de poder económico mais reduzido como por exemplo os jovens. Outra causa para o difícil acesso é o facto de estas atividades serem preparadas para grandes grupos de pessoas, grupos esses que ainda têm que ser organizados pelos próprios turistas ao invés de ser a própria organização a formar os grupos e gerir o número de afluências. Outro defeito apontado é que a sua divulgação não está bem conseguida. Estas atividades só são encontradas no *website* (aldeiasdoxisto.pt) entretanto criado, este elemento de comunicação conjuga todas as informações sobre as 27 aldeias de xisto da zona cento e é considerado um elemento que abriu a portas a mundo outrora desconhecido. No entanto, neste as datas e preços estão desatualizados não sendo perceptível a data de realização dos próximos eventos.

Os espaços comerciais como museus, restaurantes e *ateliers* encontram-se encerrados; alguns só abrem ao fim-de-semana e estão dependentes de marcação. Dando o exemplo da aldeia da Cerdeira o *atelier* de Kerstin Thomas, uma das principais atrações, encontrava-se fechado ao fim-de-semana e o restaurante Ti Lena no Talasnal encerra á semana e ao fim-de-semana só com marcação, á exceção das lojas que estão permanentemente abertas. Por aqui se pode constatar que estas atividades ainda não conseguem funcionar num decorrer diário da vida da aldeia.

As lojas das Aldeias do Xisto fornecem um excelente posto de turismo rural na medida em que aqui se podem encontrar os Calendários de Animação das Aldeias, mas estes carecem de divulgação por parte dos funcionários da loja; são os próprios visitantes que procuram os programas turísticos o que justifica que as ações sociais propostas pelo programa (PAX) são mal sucedidas. Muitos dos produtos produzidos nas aldeias do Xisto são comercializados nestas lojas que outrora ficavam retidos pelos seus habitantes: licores, ervas aromáticas, infusões, doçaria e charcutaria regional. A produção e comercialização destes produtos potenciam a economia destes espaços mas, estas lojas são caracterizadas como reinterpretações de mercearias antigas onde vendem produtos essenciais. Numa visita às lojas do Candal, Aigra Nova e Coimbra constatou-se que aqui apenas se vendem produtos turísticos não cumprindo a função para a qual estão destinadas. Estas lojas não vendem pão, feijão, batatas ou arroz; vendem produtos de extremo requinte pela sua apresentação e qualidades não preenchendo as necessidades dos habitantes das aldeias bem como dos turistas que aqui permanecem de férias.



Figura 4- Produtos comercializados na loja do Candal; Fonte: (www.aldeiasdoxisto.pt, s.d.)



Figura 5- Produtos comercializados na loja de Aigra Nova; Fonte: (www.aldeiasdoxisto.pt, s.d.)

A informação relativa á localização destas aldeias também merece uma referência, esta é pobre, quase inexistente. Quem visita a vila da Lousã, poderá partir sem se aperceber dos tesouros que a sua serra esconde e mesmo quem circula por esta, desconhecendo estes territórios, poderá também não se aperceber da sua existência. Relativamente á sinalética no interior das aldeias verifica-se que estão mais desenvolvidos em de Aigra Nova, Aigra velha e Comareira, nas restantes aldeias alguns dos principais elementos atrativos não são encontrados devido á falta da mesma.

2.2.3 Análise Programática

Após a análise de oito aldeias do xisto destaca-se a aldeia de Aigra Nova que, apesar de ainda ter um longo caminho a percorrer, ao contrário das restantes, esta aldeia aparenta ter uma dinâmica diferente, observou-se a presença de residentes permanentes ainda que em número reduzido e observou também que esta aldeia é detentora de uma economia própria onde os espaços circundantes às habitações sofreram um aproveitamento para um uso de produção agrícola. O aproveitamento destes campos para além de fomentarem a sua economia são também uma atrativo turístico devido à sua organização e sinalética como se fosse “um museu de agricultura tradicional/moderna”. Esta aldeia conta ainda com a existência de um rebanho, quatro burros, uma loja e com um ecomuseu.

Durante a visita o museu ecológico encontrava-se encerrado não sendo possível visitar as suas instalações assim como os burros, uma das principais atrações turística desta aldeia, encontram-se resguardados num curral que não permite o contacto direto com estes animais, sendo mesmo difícil de os observar principalmente nas horas em que são alimentados.



Figura 6- Campos agrícolas e sinalética utilizadas na Aldeia de Aigra Nova; Fonte: Autor



Figura 7 - Sinalética utilizada á entrada da aldeia de Aigra Nova; Fonte: Autor



Figura 8- Ecomuseu da aldeia de Aigra Nova;
Fonte: Autor



Figura 9- Equipamentos urbanos, aldeia da Comareira;
Fonte: Autor

Após a análise dos objetivos dos Programas de recuperação das aldeias do xisto e ações aplicadas, é de observar as grandes melhorias conseguidas nomeadamente a nível da reabilitação do património que é uma consequência proveniente das grandes mudanças observadas no sector turístico. No que se refere às ações sociais, verifica-se que estas foram quase nulas, tendo consequências diretas no bom funcionamento dos sectores mais privilegiados.

Para que o desenvolvimento destes espaços seja sustentável os programas apresentados citam uma forte interdependência entre sectores apresentada no esquema que se segue:

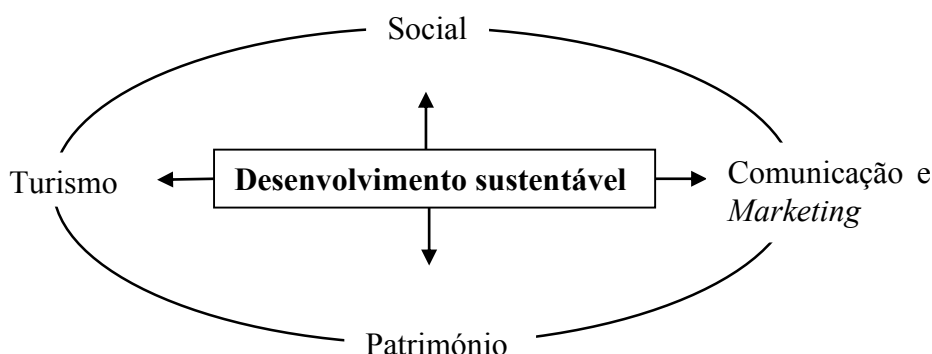


Ilustração 1- Interdependência de diferentes vertentes para um desenvolvimento sustentável proposta nos Programas de ação para espaços rurais fragilizados; Fonte: Autor

Mas, segundo as visitas aos locais, análise dos conteúdos programáticos e ações realizadas nestas aldeias, verifica-se que a interdependências dos elementos responsáveis pelo desenvolvimento sustentável destes territórios se organiza em função do fator turístico em que todos os outros setores se desenvolvem em função deste.

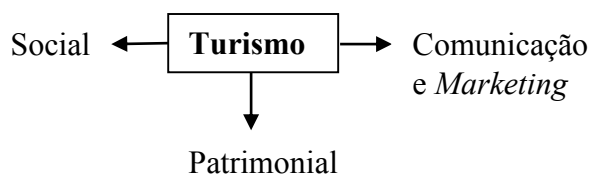


Ilustração 2- Interdependência das vertentes de desenvolvimento sustentável aplicadas nos espaços rurais visitados; Fonte: Autor

De forma conclusiva é de salientar as diferentes vertentes que estes espaços são detentores e á inevitável interdependência entre eles. É necessário fomentar a colaboração e participação das populações, dos agentes e poderes locais na implementação de programas sustentáveis que assegurem uma real articulação entre as vertentes sociais, económicas e turísticas para que estas ganhem uma maior dimensão e solidez, distribuindo de forma mais equitativa as ações aplicadas.

CAPÍTULO III | DESENVOLVIMENTO RURAL – TURISMO

3.1 O Papel do Turismo para as Aldeias do Xisto

Segundo os dados da (WTTC, 2013)⁴, considera-se hoje o turismo um dos mais importantes fatores na atividade económica mundial. Calcula-se que em 2013, a indústria do turismo terá gerado, aproximadamente 6,5 triliões de Euros, o equivalente a 9,5% do total do PIB mundial e terá gerado emprego a 266 milhões de pessoas, um em cada onze empregos no planeta.

Nos últimos anos o turismo foi das atividades que mais beneficiou dos apoios financeiros e conteúdos programáticos, pois este setor é considerado um dos principais impulsionadores de desenvolvimento. A aposta no turismo não é, por si só, a resolução dos problemas dos meios mais desfavorecidos, mas é considerado uma atividade que pode contribuir de forma relevante para o desenvolvimento e dinamização destes espaços a nível comercial e industrial, podendo assim contribuir para superar muitos dos problemas e dificuldades das populações residentes nestes locais. O PENDR (2003-2007) e PNPOT (2007), Lei n.º58/2007, de 4 de Setembro, conferem igual importância ao papel que o turismo desempenha na valorização dos espaços.

"A forma mais significativa de perpetuar a ruralidade tem sido através do desenvolvimento de atividades de turismo, de recreio e lazer nas áreas rurais, sobretudo nas consideradas mais tradicionais" (Figueiredo, 2001)

3.1.1 Turismo em Espaço Rural (TER)

O turismo é definido como uma atividade dinâmica que se adapta à sociedade e responde com oferta aos requisitos do mercado. Nos últimos anos, sob forma de adaptação, têm surgido novos modelos de turismo como por exemplo, o Turismo em Espaço Rural (TER).

O TER é um tipo de turismo bastante recente e caracteriza-se por mobilizar e impulsionar várias atividades ligadas à oferta turística nos espaços rurais como a gastronomia, artesanato e produtos locais. Estes territórios podem assim presentear diferentes tipos de atividades

⁴ WTTC “World Travel & Tourism Council”- Conselho Mundial de Viagens & Turismo é uma organização sem fins lucrativos, registrada como uma empresa do Reino Unido.

turísticas como sejam, o turismo cultural⁵; o turismo de aventura⁶, o ecoturismo⁷, o turismo residencial⁸, o agroturismo⁹ entre outros.

O TER tem sido a principal força na recuperação do património edificado, dinamização de serviços, comércio e receitas para as autarquias. Alguns estudos afirmam que o turismo rural é certamente um importante impulsionador de economias fragilizadas visto poder aumentar o consumo, diversificar a produção/oferta de bens e serviços, criar postos de empregos e retorno financeiro, mas o turismo por si só não constitui uma boa base de desenvolvimento sustentável e pode trazer consigo impactos negativos às populações locais.

“Efetivamente, o turismo nas áreas rurais tem contribuído de forma decisiva para a formação dos lugares. Mas, ao mesmo tempo que o turismo pode promover o desenvolvimento rural, pode também ter efeitos perversos que importa ter em conta. Uma das mais importantes consequências está associada ao divórcio entre as qualidades comercializáveis, oferecidas aos turistas e visitantes, e os contextos históricos, sociais e económicos, com a correspondente perda de autenticidade local.” (Figueiredo, 2001)

Um exemplo de total perda de autenticidade é o caso da Vila de Unhais da Serra, que recentemente beneficiou da construção de um hotel de luxo, o H2otel.

Unhais da Serra, uma pequena vila beirã de paisagem agreste, pintada de cinza granítico, denominada por muitos "A Pérola da Beira" localiza-se na vertente Sudoeste da Serra da Estrela

⁵ Turismo Cultural- é um sector turístico relacionado com lazer em elementos culturais.

⁶ Turismo de Aventura- é um sector turístico cujo atrativo principal é a prática de atividades e desportos de aventura em meio natural.

⁷ Ecoturismo- é um sector turístico que utiliza, de forma sustentável, o património natural e cultural, incentivando sua conservação, promovendo o bem-estar das populações envolvidas.

⁸ Turismo Residencial- é um sector turístico agregador de empreendimentos, infraestruturas, serviços de apoio e serviços de entretenimento e lazer, motivando a fixação temporária de residentes e estrangeiros em território nacional.

⁹ Agroturismo- é um sector turístico realizado em explorações agrícolas, que permite aos turistas o acompanhamento e conhecimento das atividades agrícolas e/ou participação nas tarefas envolvidas

num vale de origem glacial por onde passa a ribeira de Unhais que divide a vila ao meio e por onde o casario se dispõe ao longo do seu curso.

A Ribeira de Unhais era caracterizada por grandes e pequenas pedras de granito que faziam parte da sua essência e que iam formando pequenas cascatas e poços de água fria, pura, cristalina e que pela sua beleza natural, despertava o interesse dos turistas. Por ela passavam pastores com os seus rebanhos que tano embelezavam este local. A Norte de Unhais situava-se o antigo edifício termal desde há muito conhecido pelas suas águas terapêuticas de 37°, indicadas para doenças dos aparelhos circulatório, respiratório, reumatismo e doenças de pele. Unhais da Serra beneficiou de uma grande época de turístico termal nos finais do séc. XIX, princípios do séc. XX. Atualmente continua a ser assim considerada, mas já não se pode beber livremente desta água pois estas foram canalizadas para o atual complexo turístico e o seu antigo edifício termal que fazia parte da cultura deste povo, foi completamente destruído restando apenas a memória que com o passar do tempo se tornará cada vez mais longínqua.

Para além da destruição das antigas termas, e como se não bastasse, procedeu-se á total descaracterização da ribeira de Unhais com vista á sua requalificação, ou com vista á sua destruição. Construi-se uma piscina de betão e relva enfeitada por pequenas pedras de granito numa tentativa de enquadramento. Por aqui já não se sente a natureza rude, pura, já não existe o silencio já não se ouvem os sinos das cabras nem o som da água que corria apressadamente ao seu destino. E assim se descaracteriza uma região, se apaga a cultura e património de outros tempos onde interesses maiores são capazes de calar a voz de um povo que, inofensivo, vê o seu património ser levado.

Segundo refere o Pintor Francisco Matias, antigo morador e cronista do jornal de Unhais;

“UNHAIS da SERRA- vila típica beirã, terra do meu nascer, que em pouco menos de um século, esfumou no meu recordar, muita da graça genuína que lhe imprimia o caráter.

A minha memória já longínqua, recorda ainda uma aldeia termal com o seu hotel da época e o modesto edifício das termas, atrativo natural de turistas e enfermos.

A pequena e bela avenida, arqueada de esplendorosos plátanos, que ligava em delicioso passeio, o centro da aldeia (agora vila), ao simpático largo das Termas. Que fizeram, e porquê, de vossas irmãs, velhas árvores...para onde vos levaram? Onde estais, que levastes convosco a frondosa sombra que cobria os meus passeios e as minhas correrias até ao modesto mas secular “Banho” a beber por imitação, um golo de água sulfurosa do velho “Cortiço”?

Onde estás, modesto “Banho”, alívio de tanta dor sofrida?

Onde estão as tuas pedras e os teus modestos balneários?

Gostaria de te rever, feito museu rústico, para os nossos olhos guardarem, até que a visão se nos extinga.

Não seria necessário apagarem-te, para a tua substituição pelo teu moderno sucessor hotel de nova geração.

Fala-me a minha compreensão, da importância e modernidade do empreendimento. Mas segreda-me a minha sensibilidade estética que aquele estilo, flagrantemente desenquadrado do contexto paisagístico, estaria mais bem integrado nos Alpes Suíços.

Com todo respeito, Srs. Arquitetos, Granito. Granito e Madeira. Não o inverso.

Não se agastem comigo, pobre pintor que fui. Sei apreciar o valor arquitetónico irrepreensível da vossa obra, pela qual vos rendo o meu aplauso.

É o enquadramento paisagístico apenas. O (des)respeito pela natureza que me fere.

A nossa ribeira das Poldras, que tão mansa e por vezes fragorosamente se escoia e atravessa a nossa bonita Vila, com os seus característicos poços e açudes, que foram piscinas naturais para jovens e maduros, transformados agora em “piscinas de ribeira”, com arranjos marginais por vezes não muito enquadrados na paisagem ribeirinha.

Onde estão os velhos, roliços e majestosos penedos, por vezes deslocados dos seus pousos ancestrais, desfigurando a paisagem ancestral?

E os espessos silvados negrejando de amoras pintalgadas de vermelho?

A paisagem, é rustica, Senhores. Há que respeita-la, quanto possível. (Francisco Matias, Coimbra, 2015)

CAPÍTULO IV | EXEMPLOS DE RECUPERAÇÃO DE ALDEIAS DE XISTO

Para se compreenderem melhor as valências, objetivos e resultados das intervenções realizadas na paisagem do xisto apresenta-se um exemplo de “sucesso” relativamente às intervenções realizada em Aldeias do Xisto.

4.1 O Exemplo da Aldeia do Piódão

4.1.1 Localização



Figura 10- Aldeia do Piódão; Fonte: (<http://parrozelos.blogs.sapo.pt>, s.d.)

O Piódão é uma das dezoito freguesias do concelho de Arganil, distrito de Coimbra, localizado na sub-região do Pinhal Interior Norte (Centro de Portugal) e situado numa encosta da Serra do Açor. É a freguesia mais longínqua do concelho.



Figura 11 - Localização da Aldeia do Piódão, Concelho de Arganil, Serra do Açor; Fonte: (<http://www.scielo.oces.mctes.pt/>, s.d.)

4.1.2 Caracterização da Aldeia do Piódão

A aldeia de Piódão é caracterizada pela sua disposição em anfiteatro, esta disposição, em plano inclinado e a iluminação noturna que lhe empestia criou a denominação de Aldeia Presépio. As habitações possuem paredes de xisto, com coberturas e lajes no mesmo material e muitos elementos em ardósia. As janelas e portas, de pequenas dimensões, possuem os aros pintados de cor, há ainda uma fonte, a Fonte dos Algarres, a Eira, e o Forno de Pão Comunitário.

A aldeia é constituída por uma flora variada: pinheiros, castanheiros, urzes e giestas. Oliveiras, videiras e outaras espécies vegetais são cultivadas junto á aldeia para fins agrícolas/alimentares

Relativo ao perfil socioeconómico da população do Piódão, para 61% da população ativa, a agricultura e a pastorícia continuam a ser a principal forma de subsistência e de sobrevivência. Produzem milho, batata, feijão, vinha, criam gado (ovelhas e cabras) e alguns casos dedicam-se á apicultura. 21% Dedicam-se à construção civil e apenas 18% da população dedica-se ao comércio e atividades relacionadas com o turismo.

A aldeia do Piódão, consolidou ao longo do tempo, uma imagem de um lugar inóspito, escasso de recursos, rude, de difíceis condições de vida. De tal forma, que a designação de “o fim do mundo”, lhe foi atribuído acumulado com as dificuldades que a orografia impõe e o acréscimo da desvitalização demográfica, económica e social.

LUGAR	1911	1940	1960	1970	1981	1991	2001
Barreiros	17	17	20	-	-	-	3
Chãs d'Égua	166	174	153	79	52	54	18
Covita	25	22	25	-	-	-	3
Eira da Bouça	39	25	22	11	-	-	2
Fómea	85	127	124	86	55	34	20
Foz d'Égua	19	31	-	32	7	29	9
Malhada Chã	114	178	229	195	170	148	81
Moinhos	-	17	17	14	-	-	6
Pés Escaldados	23	34	19	6	0	0	0
Piódão	255	292	281	205	110	76	65
Tojo	75	100	109	83	65	40	19
Torno	16	23	28	21	-	-	4
Outros lugares	38	30	10	29	55	4	-
TOTAL	872	1070	1088	761	514	381	229

Tabela 1- Evolução da População da Freguesia do Piódão, em 1911-2001;
 Fonte: (Censos da População, 1991-2001 (INE); Plano de Desenvolvimento do Piódão (ACFP, 2004), s.d.)

Com a análise do gráfico sobre a evolução demográfica na freguesia do Piódão no período de 1911 a 2001, verifica-se que esta povoação sofreu, em 1940, o maior êxodo de população: 292 indivíduos. É natural que o grupo de residentes que permaneceram nesta aldeia esteja, na sua maioria, envelhecido. Este fenómeno deixou cicatrizes marcantes neste território, na medida em que o seu despovoamento tornou-se perigoso para a sobrevivência da aldeia.

4.1.3 Programas e Intervenções realizados na Aldeia de Piódão

Apesar das grandes dificuldades estruturais e funcionais, a aldeia do Piódão é, provavelmente, a aldeia mais conhecida do País e, por isso, a mais beneficiada a nível de intervenções.

O primeiro grande acontecimento da história recente do Piódão tem como plano de fundo, a classificação da aldeia como Imóvel de Interesse Público em 1978, momento decisivo para o reconhecimento público da dimensão do património que esta aldeia era detentora. Com efeito, na década de 1980 recebeu o Galo de Prata¹⁰. Este estatuto deu lugar a alguns benefícios tais como: a pavimentação da via principal de acesso e a instalação de iluminação do aglomerado serrano.

¹⁰ O Galo de Prata- condecoração atribuída à "aldeia mais típica de Portugal"

O Plano de Desenvolvimento e Requalificação da Aldeia do Piódão da Câmara Municipal de Arganil em 1986 definiu um programa de recuperação assente em dois domínios: intervenções no espaço público e estruturas edificadas.

As intervenções do PAHP (1994-1999) e PORC (2000-2006) foram direcionadas para as infraestruturas básicas, valorização do património, promoção, divulgação e estimulação das economias locais do território das quais se destacam: melhoria das redes de esgotos, de água, construção de estações de tratamento de águas residuais, enterramento das redes de eletricidade e de telecomunicações, melhoria dos acesos viários, implementação de sinalização, criação de um posto de turismo, recuperação da piscina e praia fluvial e recuperação da Igreja da aldeia.

O Plano de Ação Integrada para a Freguesia do Piódão (Associação de Compartes da Freguesia do Piódão), lançado em 2004, atualmente em execução, promoveu intervenções sobretudo ao nível da natureza e ambiente como: a valorização dos terrenos baldios e das suas práticas tradicionais, limpeza e manutenção das linhas de água, caminhos agrícolas e florestais, conservação da área abrangida pela Rede Natura 2000, delimitação de uma reserva de caça, criação de uma equipa de sapadores florestais, valorização dos socacos da região e instalação de parques eólicos.



Figura 12- Posto de Turismo, Piódão; Fonte: Autor

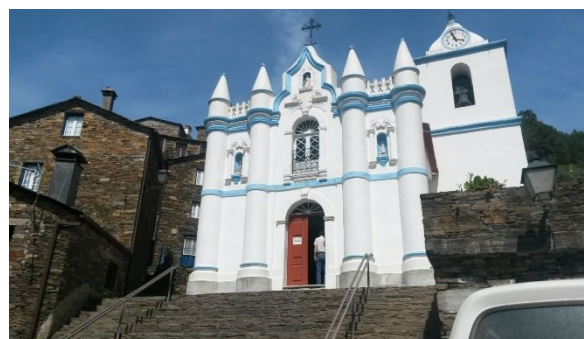


Figura 13- Igreja do Piódão; Fonte: Autor



Figura 14- Comercio de produtos tradicionais do Piódão; Fonte: Autor



Figura 15- Restaurante, Piódão; Fonte: Autor

Consta que a aldeia do Piódão é um caso de “sucesso” de reabilitação de meios rurais fragilizados. Após uma visita a esta aldeia, num dia quente de verão, esse “sucesso” aparentava ser real. A vida e a dinâmica que a aldeia era detentora acrescida da quantidade de pessoas presentes neste local era a compreensão direta desse “sucesso”. Os restaurantes e cafés encontravam-se lotados com um tempo médio de espera de aproximadamente 45 minutos e o estacionamento quase que não era suficiente para tantos carros. A piscina e a praia fluvial encontravam-se igualmente repletas. Contudo, com um olhar mais atento, após outra visita á aldeia, desta vez em época baixa e após uma análise das intervenções e ações realizadas agregando os dados da evolução da população do Piódão pode concluir-se que o êxito desta aldeia não passa de um mero “sucesso turístico”. A aldeia continua a lutar contra a sua maior fatalidade, a perda de população que determina consequentemente a perda da atividade económica. Segundo referem os dados NICIF (2006) a área produtiva agrícola ainda é superior á mão-de-obra, mas assiste-se a um aumento gradual dos campos sem qualquer aproveitamento. Estas áreas produtivas são fragmentadas em pequenas parcelas dedicadas á agricultura de subsistência sem orientação comercial e os métodos produtivos utilizados estão desatualizados.

Foram inúmeros os planos aplicados, a aldeia que mais beneficiou de intervenções, mas a verdade é que continua sem conseguir recuperar a sua essência. Á merce desta realidade e do isolamento que lhe empesta o Piódão não passará deste ponto. Continua o seu percurso no sentido da degradação que não será travado enquanto os quadros legais não mudarem as suas prioridades e distribuírem equitativamente as ações a aplicar. Não será certamente o grande fluxo de turistas, em épocas determinadas do ano, que irão converter esta aldeia num caso de “verdadeiro sucesso”.

CAPITULO V | CASO ESTUDO - O AGLOMERADO SERRANO DA SERRA DA LOUSÃ

5.1. Contextualização

A Zona Pinhal Interior Norte detém 27 Aldeias do Xisto. Doze destes aglomerados populacionais, agro-pastoris, situam-se na Serra da Lousã, entre os 700 e 820m de altitude: Argia Nova, Argia Velha, Comareira, Pena, Candal, Talasnal, Casal Novo, Cerdeira, Chiqueiro Farraria de São João, Gondramaz, e Casal de São Simão

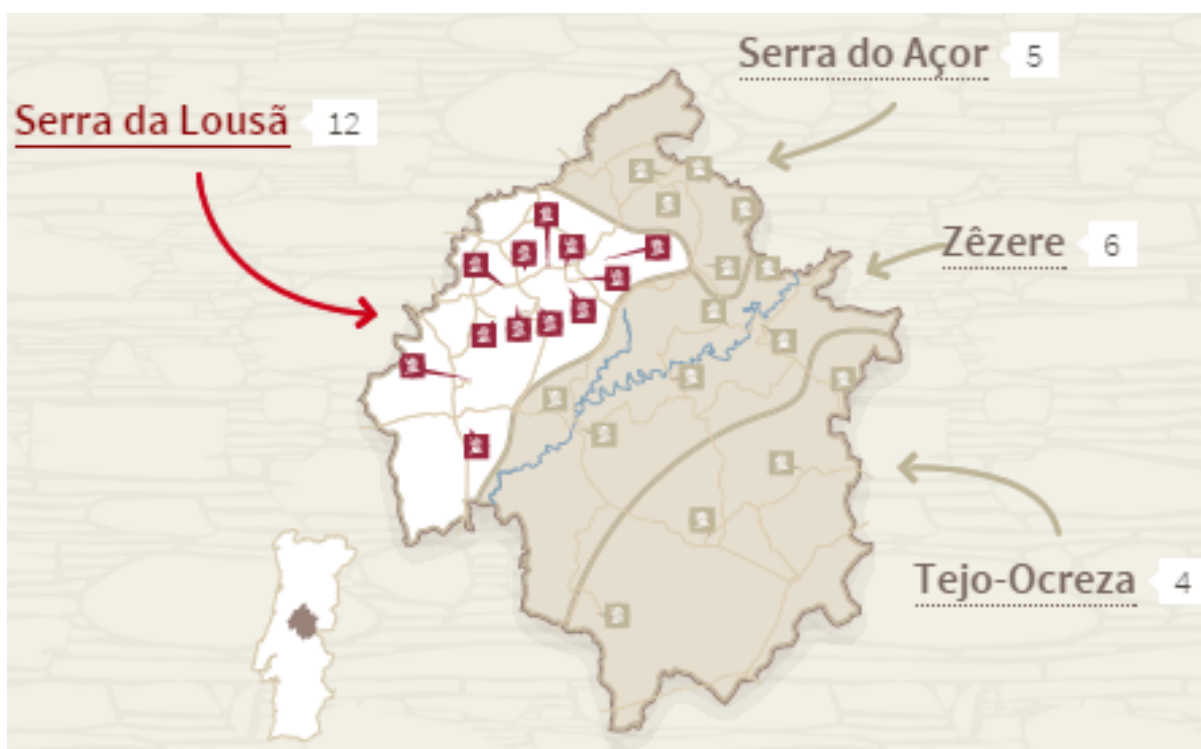


Figura 16- Localização das Aldeias do Xisto pertencentes ao Concelho da Lousã ; Fonte: (www.aldeiasdoxisto.pt, s.d.)

Das doze aldeias classificadas cinco pertencem ao Município da Lousã nomeadamente: Candal, Casal Novo, Talasnal, Cerdeira e Chiqueiro, acrescentando mais duas, não pertencentes á Rede de Aldeias do Xisto: Vaqueirinho e Catarredor, denominadas de aldeias Serranas. Ao todo contabilizam-se sete aldeias pertencentes ao Município da Lousã.

As aldeias de Vaqueirinho e Catarredor são igualmente aldeias de xisto porem, não classificadas. No entanto são possuidoras de grande interesse, pois constituem a prova da procura de modos de vida alternativos. Estas aldeias encontram-se em melhor estado de conservação naturalmente por serem habitadas. São conhecidas desde há muito como as “aldeias dos hippies” ou dos neo-rurais pelo facto de serem procuradas por grupos de jovens urbanos em busca de modos de vida alternativos. Aí começaram a residir também cidadãos de

outras nacionalidades, sobretudo originários da Alemanha e Inglaterra que se avistam, fortuitamente na vila da Lousã. Os próprios habitantes são responsáveis pela promoção da imagem destas aldeias, através da sua intervenção na mesma com peças escultóricas e urbanas, sinaléticas, animações e concertos de música alternativa. Eles próprios, conscientes, são motivo de atração de turísticas.

Estas pessoas cuidam, constroem e divulgam estes tesouros de xisto. Esta atitude tem como consequência uma elevada afluência turística às aldeias, abrangendo todo o tipo de público. Estes são movidos muito pela curiosidade e procura de um entendimento deste estilo de vida alternativo e mentalidades tão distintas.



Figura 17- Habitante da aldeia do Vaqueirinho; Fonte: (<http://myguide.iol.pt/>)

Candal, Casal Novo, Talasnal, Cerdeira e Chiqueiro são um núcleo de aldeias importante e curioso testemunho de tradições associadas aos povos que sucessivamente ali habitaram. Pela proximidade entre elas constituem uma unidade de conjunto, sendo o seu espaço de subsistência a Serra da Lousã.

Ao contrário das aldeias do Catarredor e Vaqueirinho estas aldeias encontram-se despovoadas e em perigoso estado de degradação. A compreensão dos problemas associados a estes aglomerados serranos e a necessidade de inverter esta situação é eminente, levando ao dever de preservar este património de múltiplos interesses: arquitetónico, cultural, social e paisagístico.

No Plano Regional de Ordenamento do Território do Centro (CCDRC, Maio de 2011), segundo o Modelo Territorialista, há que ter em conta, que, qualquer intervenção nestes ou noutros espaços rurais, tendo em vista a sua beneficiação e requalificação, haverá que respeitar as suas

características biofísicas (relevo, geologia, clima, solos, flora, fauna) e antrópicas (uso do solo, rede de transportes, índices económicos e sociais) que estão na base da sua formação.

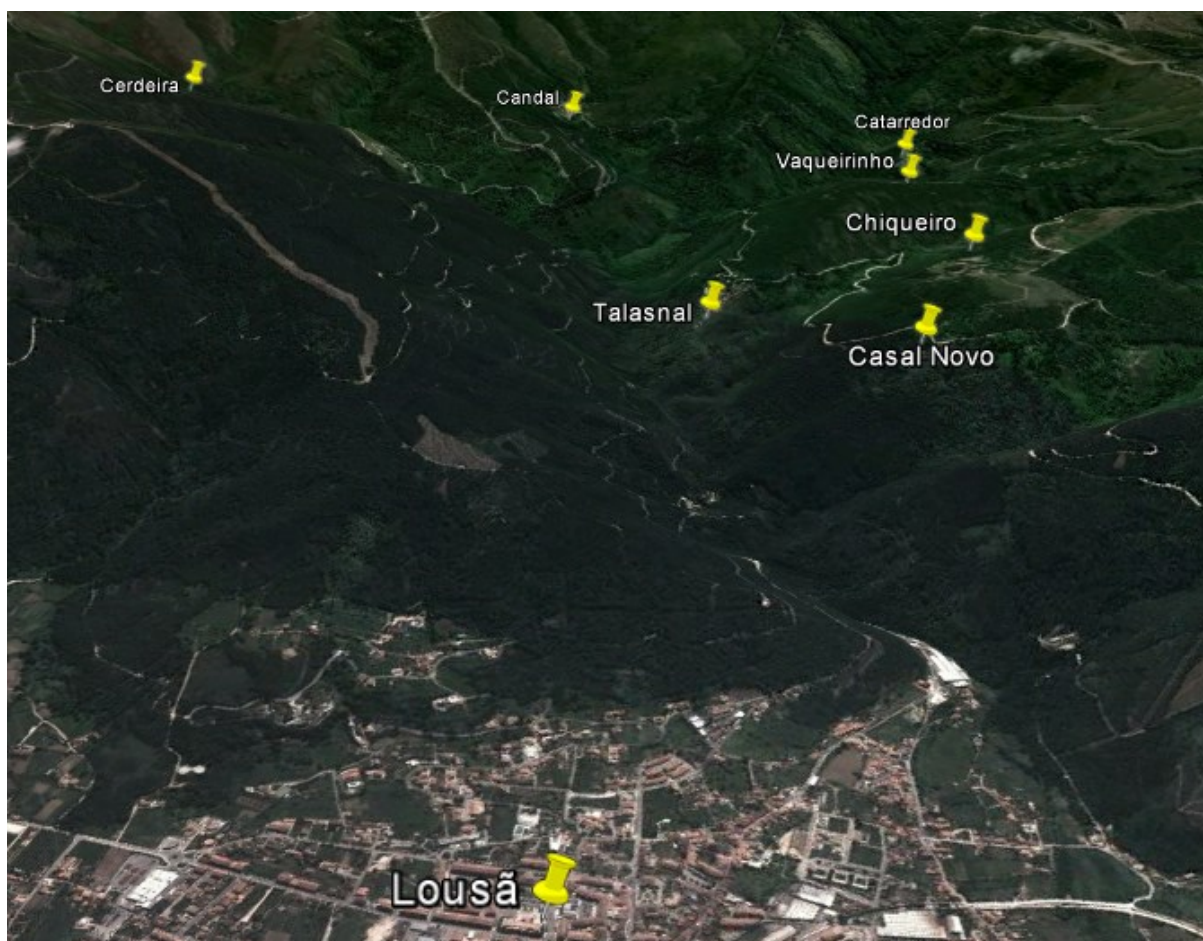


Figura 18- Vista aérea da localização das aldeias do xisto pertencentes ao Município da Lousã; Fonte: (Google Earth)

O alvo dessa análise será a Lousã Serra e Vila, esta ultima, pela proximidade e interligações com este aglomerado serrano.

5.2. Caracterização da Serra e Vila da Lousã

5.2.1 Enquadramento Territorial

A cordilheira central, que forma a cordilheira mais extensa de Portugal, é formada pela Serra da Estrela, Serra do Açor e Serra da Lousã. É uma formação precâmblica, xistosa logo geologicamente muito antiga. Tem uma orientação Noroeste-Sudoeste e constitui sensivelmente uma divisão a meio do território português.

Do ponto de vista administrativo, a Região do Pinhal Interior Norte (NUTIII) ou região centro (NUTII), integra o Município da Lousã pertencente ao distrito de Coimbra. Esta sub-região é

definida a Norte pelo Município de Vila Nova de Poiares, a Este pelo Município de Góis, a Oeste pelo Município de Miranda do Corvo e a Sul pelos Municípios de Castanheira de Pêra e de Figueiró dos Vinhos, estes pertencentes ao distrito de Leiria.

Com uma área de 138,4 Km² (florestal - 58,6%; Agrícola - 17,2%; Incultos - 22,1%; Social - 2%; Águas Interiores - 0,1%), o território municipal divide-se em seis freguesias – União das Freguesias de Foz de Arouce e Casal de Ermio, União das Freguesias da Lousã e Vilarinho, Serpins e Gândaras.

5.2.2 Caracterização Física

Sumariamente, analisando em termos de bases físicas, o Município da Lousã ocupa uma área de montanha de natureza notável. A Serra da Lousã marca a extremidade Sudoeste da Cordilheira Central e ocupando quase um terço do município da Lousã. Esta Serra é caracterizada por uma brusca elevação com cerca de 700 metros continuada por fortes declives que oscilam desde dos 200 metros até ao seu ponto mais alto: 1204 metros, denominado Alto do Trevim. É um local de grande beleza paisagística e de interesse turístico. Os restantes dois terços do conselho abrangem as terras baixas. É designada pela Bacia da Lousã, sendo a depressão mais marcante que flanqueia o maciço central e onde as amplitudes podem variar entre os 1000 metros em pouco mais de 6 km.

O território do Município da Lousã apresente uma grande variação resultante do contraste morfológico entre o setor da Serra, com maiores declives, e o setor aplanado, a Bacia da Lousã.

A Serra da Lousã é caracterizada, nas zonas de maior altitude, por rochas metasedimentares: xistos, grauvaques e alguns batólitos graníticos, bem como cristas quartzíticas que representam os principais marcos do aspeto fisionómico da montanha.

A área de menor altitude, até os 200 metros, é definida por depósitos sedimentares terciários e quaternários e são constituídos por Grés do Buçaco, xisto-grauváquico e areias do buçaqueiro assentes em descontinuidades erosivas sobre o grés do Buçaco e por último, um conjunto de blocos de quartzito ou blocos de granito, xisto e grés. A Serra é drenada pelo rio Arouce, ribeiras de Fiscal e de Vilarinho.

A ocupação humana dos terrenos é limitada e condicionada por fatores de inclinação morfológicos.

5.2.3 Clima

O clima é o fator que condiciona o uso dos solos: urbano, agrícola, florestal e turístico. Assim, para avaliar as várias vertentes físicas do conselho, é importante conhecer as suas condições climáticas.

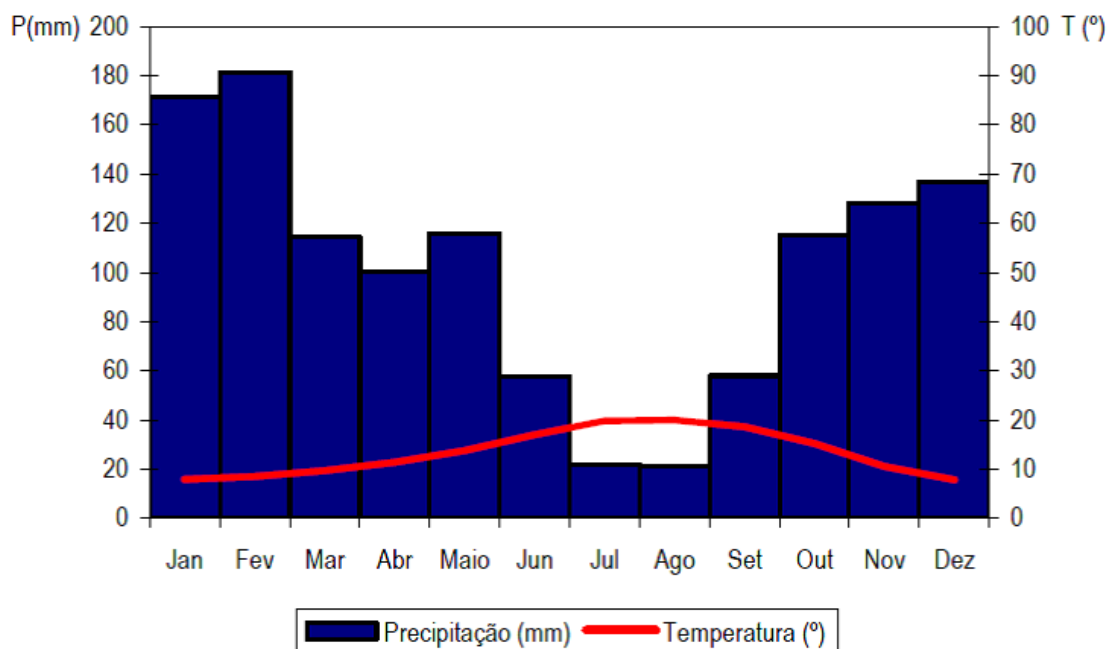


Gráfico 1- Gráfico Pluviométrico, Estação meteorológica da Lousã.; Fonte: (Normas Climatológicas de 1961-1990, s.d.)

Da análise do gráfico verifica-se um período quente e seco nos meses de Junho a Setembro, com temperaturas entre os 18°C e os 20°C; um período chuvoso entre Novembro e Março; um período frio particularmente entre os meses de Dezembro a Fevereiro com temperaturas médias de 6°C a 7°C; um período de transição de Primavera entre os meses de Março e Maio com temperaturas médias de 9°C a 15°C; um período de transição de Outono entre os meses de Outubro e Novembro com temperaturas médias entre os 15°C e os 9°C.

Da análise dos valores, à semelhança das restantes áreas do país, o clima da Lousã apresenta influências mediterrânicas em especial com a sua relação entre a estação mais seca e quente com a estação mais fria e chuvosa. A Serra da Lousã, ela própria, estabelece uma fronteira entre o litoral mais húmido e o interior mais seco, onde as amplitudes térmicas são significativas. É de salientar que o enorme relevo que é a Serra da Lousã, influencia de forma notável, as condições do clima junto à bacia da mesma. Os nevoeiros e os valores de humidade nesta área são frequentes, sobretudo nos pontos mais elevados.

5.2.4 Fauna e Flora

A ação do clima refletem-se no coberto vegetal. Com característica mediterrâneas a vegetação é diversificada e com espécies características: matos altos de Loureiros (*Laurus nobilis*), azereiros (*Prunus lusitanica*) ou ginjeiras bravas (*Prunus lusitanica*) e Medronheiros (*Arbutus unedo*). Nas zonas mais elevadas e menos exuberantes, tendo em conta a pobreza dos solos, predominam as Urzes (*Erica sp.*), o Tojo (*Ulex sp.*), a Giesta (*Genista sp.*), a Esteva (*Cistus ladanifer L.*), o Sargaço (*Phaeophyta Sargassum*) e a Carqueja (*Chamaespartium tridentatum*). Também se podem encontrar espécies como a Azinheira (*Quercus rotundifolia*) e a Acácia (*Acacia*) a par de floresta de caducifólias onde o Sobreiro (*Quercus suber*) e Carrasco (*Quercus coccifera*), de acordo com as publicações do Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade – ICN. São ainda de referir as manchas de Pinheiro bravo (*Pinus pinaster*), de Eucalipto (*Eucalyptus*) e de várias outras espécies autóctones, das quais se destacam o Carvalho (*Quercus sp.*) e o Castanheiro (*Castanea sativa*), mas também espécies exóticas como a Cerejeira (*Prunus avium*) e a Nogueira (*Juglans regia*).

Na parte baixa da Lousã, que constitui a sua bacia, verifica-se uma ocupação agrícola de regadio e hortas localizadas junto às linhas de água e uma agricultura de sequeiro, associada frequentemente a olivais ou pomares, localizada em áreas afastadas mais ou nas colinas. Também se podem observar pomares dispersos nas bordas dos campos, no seu interior ou ainda nos quintais agregados às habitações.

Para além das diversas espécies vegetais, a serra da Lousã também é um local de habitats de animais cuja biodiversidade contribui para a conservação da natureza. Entre as múltiplas espécies existentes nesta serra destacam-se: o Gamo ou Corço (*Capreolus capreolus*) e o Veado (*Cervus elaphus*) que, reintroduzido na Serra da Lousã no início dos anos noventa, se dispersou por toda esta região montanhosa possuindo, atualmente, uma população estável. São de referir também o Javali (*Sus scrofa*), o Coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*), as Lontras (*Lutra longicaudis*), a Raposa (*Vulpes vulpes*) ou a Toupeira (*Talpa occidentalis*). Nesta serra observam-se todo um conjunto de importantes mamíferos que se podem avistar enquanto procuram alimento, sobretudo antes do nascer e depois do por do sol. É quase impossível não surgir um cruzamento com uma destas espécies nestas horas do dia.

A Carriça (*Troglodytes troglodytes*) o Milhafre (*Milvus migrans*), a cegonha preta (*Ciconia nigra*), o tartaranhão-caçador (*Circus pygargus*), o Cuco (*Cuculus canorus*), a Rola-comum (*Streptopelia turtur*), Melro (*Turdus merula*), o Rouxinol (*Luscinia megarhynchos*) ou

a trepadeira-dos-muros (*Tichodroma muraria*) são algumas espécies de aves que se podem observar na serra da Lousã. A avifauna tem muito interesse pela sua variedade e resulta dos diversos habitats que esta serra oferece: ribeiros, floresta mista, hortas e prados que garantem a presença de cerca de uma centena de espécies de aves.

Dos diferentes anfíbios existentes destacam-se a Salamandra Lusitânica (*Chioglossa lusitanica*) e a Rã-ibérica (*Rana ibérica*) ou o sapo-comum (*Bufo bufo*). Podem encontrar-se onde quer que haja água doce mais ou menos estagnada e são facilmente observáveis na Primavera.

Pela variedade de riqueza das suas floras e fauna, esta serra está inserida na Rede Natura 2000. Uma rede europeia de zonas protegidas destinadas a defender os habitats e espécies selvagens raras, vulneráveis ou mesmo ameaçadas de extinção. Esta rede abrange o meio terrestre e todo o meio marinho e é constituída pela Zona de Proteção Especial (ZPE) definida pela Diretiva Aves¹¹ e pela Diretiva Habitats¹²

O quadro legal da Rede Natura 2000 da Serra da Lousã foi criado pela resolução do Conselho de Ministros nº 76/00 de 5 de Julho e abrange uma área de 15.158 hectares, em cinco Municípios do Pinhal Interior Norte.

Concelho	Rede Natura 2000 – Sítio da Serra da Lousã		
	Área (ha)	Área do Concelho Classificada (em %)	Área do Sítio no Concelho (em %)
Castanheira de Pera	3.026,28	45	20
Figueiró dos Vinhos	2.455,36	14	16
Góis	4.539,51	17	30
Lousã	3.788,20	27	25
Miranda do Corvo	1.348,23	11	9

Tabela 3- Rede Natura 2000 – Sítios da Serra da Lousã; Fonte: (Atlas Desportivo, Lousã – Camara Muinicipal da Lousã, Centro de Estudos Geográficos, s.d.)

¹¹ Diretiva Aves, (79/409/CEE, de 2 de Abril), relativa á conservação de aves selvagens.

¹² Diretiva Habitats, (92/43/CEE, de 21 de Maio), relativa á proteção dos habitats, da fauna e flora selvagens.

5.2.5 Caracterização Demográfica

Segundo os Censos (1991-2001) a Lousã, é um dos Municípios da Sub-região do Pinhal Interior Norte mais populoso ultrapassado apenas pelo Município de Oliveira do Hospital. Na década de 90 verificou-se um forte acréscimo de residentes nesta vila serrana o que lhe conferiu grande importância.

A análise das pirâmides etárias, segundo os Censos (1991-2001), o escalão das classes mais jovens é o que sofre maior diminuição com o consequente aumento dos grupos etários mais idosos, o que reflete claramente o envelhecimento da população. Atualmente, representa um grande obstáculo ao desenvolvimento local, transpondo assim, a imagem de uma população.

5.2.6 Caracterização Socioeconómica

As atividades económicas caracterizam de uma forma notável a dinâmica económica de uma região. Na Bacia da Serra da Lousã, nas áreas adjacentes e proximidades da vila, a agricultura era a principal atividade. São testemunhos dessa ocupação as hortas, as vinhas e os olivais. Mas estas atividades têm vindo a secundarizar-se dando lugar a outras indústrias, como os têxteis, a transformação do papel, viveiros, componentes elétricos, vinhos, azeites e licores. O comércio e serviço complementam como atividades no sector terciário.

Na indústria destaca-se: a fábrica de Papel do Penedo, a primeira do país, fundada entre 1710 e 1715 e reformada mais tarde pelo Marquês de Pombal; a Companhia de Papel do Prado de 1889, hoje ainda mantém a tradição de indústria têxtil e a fábrica do Licor Beirão.

5.2.7 Rede de Acessibilidades e Transportes

As transformações demográficas e económicas do Município da Lousã devem ser entendidas numa relação de proximidade com Coimbra uma vez que, desde há muito tempo, beneficia de uma posição estratégica associada à Estrada Nacional 17 (N17), mais conhecida como a Estrada da Beira e que funciona como via principal de ligação entre o Município e a Cidade de Coimbra. Esta estrada assegura a ligação entre o litoral e o interior, funcionando como via de grande importância a nível de comunicações regionais abrangendo os Municípios de Coimbra, Miranda do Corvo, Lousã, Vila Nova de Poiares e seguindo em direção a Arganil, Oliveira do Hospital e Guarda. Por sua vez, a estrada Nacional 342, com início no Município de Condeixa-a-Nova, atravessa o Município da Lousã de Oeste para Este, passando pelas freguesias das Gândaras, Lousã, Vilarinho e Serpins em direção ao Município de Góis e representa, também, uma via

fundamental no desenvolvimento económico do Município da Lousã determinando toda a dinâmica e fluxos existentes.

5.2.8 Produtos Endógenos e Turismo da Região

Muitos territórios rurais têm vindo a perspetivar-se através do aproveitamento das suas características turísticas. A Lousã é detentora de um rico património histórico, cultural, gastronómico e natural e encontra-se diretamente relacionado com a ocupação das Aldeias do Xisto da Serra da Lousã.

A Serra da Lousã apresenta excelentes condições para a realização de percursos pedestres que proporcionam a descoberta da serra e das magníficas aldeias serranas bem como a observação da sua fauna e flora, muito pouco comum nos dias de hoje.

Os principais percursos pedestres da região: o Percorso Pedestre Rota dos Moinhos, o Percorso Pedestre Rota das Aldeias Serranas I, II e III, o Percorso Pedestre Rota dos Baldios, o Percorso Pedestre Trilho do Espigão (adaptado a pessoas de mobilidade reduzida), o Percorso Pedestre À Descoberta da Floresta e o Percorso Pedestre Vilarinho/Relva Fundeira.

As principais atividades terrestres desta região são: BTT, *Downhill*, Enduro, Parapente, Atletismo de Montanha e Pedestrianismo. Estas atividades são praticadas na Serra da Lousã desde há muito. Destacam-se os seguintes percursos: Percorso Volta da Lomba-Cacilhas, Percorso Fonte Seca-Cacilhas, Percorso Selada Cimeira-Talasnal, Percorso Ribeira de S. João-Ribeira Sardeira, Percorso Talasnal-Talasnal, Percorso Cabril de Baixo-Sarnadinha e Relva Fundeira-Sarnadinha.

No caso das atividades em meio aquático destacam-se a Canoagem, a Pesca e *Waterline* (*Slackline* sobre água) recentemente praticado principalmente por jovens.

Das atividades aéreas salientam-se para o Parapente, Asa delta e Balonismo.

Este território detém importantes espaços naturais como o Sítio de Importância Comunitária Serra da Lousã- Rede natura 2000 e conta com 21 praias fluviais classificadas pertencentes á zona centro. São espaços de grande beleza natural, alguns ainda puros sem qualquer intervenção por parte do homem. Destas, pode-se destacar a praia fluvial da Nossa Senhora da Piedade (Burgo) inserida na Rede de Praias Fluviais e este espaço é a prova da simbiose entre a intervenção humana e o espaço natural. Aqui, são frequentes os cruzamentos com raposas e os anfíbios fazem-nos companhia nos mergulhos refrescantes, principalmente na época de

Primavera. Este espaço conta com um castelo, um restaurante, um café, instalações sanitárias e um santuário. Nas épocas de maior calor são frequente a realização de concertos de música ao vivo sobre água. Ainda se faz uma referência ao Cabril como um espaço totalmente natural sem intervenções feitas pelo homem onde são praticados inúmeros desportos de natureza como escalada, canoagem, *Waterline* entre outros. É frequente o encontro com campistas neste local, embora esta prática não seja permitida.



Figura 19- Praia fluvial o Cabril; Fonte: Autor



Figura 20- Fluvial e Santuário da Nossa Senhora da Piedade, Burgo; Fonte: (<http://quinta-destilaria.com/services-view/praias-fluviais/>)

Saber o que se comia é sinonimo de um entendimento de modos de vida das populações mais antigas e os habitantes desta terra desempenharam um papel fundamental na criação deste património. Cultivavam os campos com batatas, milho, centeio e criavam os seus rebanhos de cabras e ovelhas e, mais tarde, o porco. Deles retiravam a carne, o leite, o queijo e o estrume, essencial para a produtividade dos solos. Antigos forais ainda fazem referência a coelhos, veados, ursos, galinhas, porcos, javalis, mel, vinho, alho, ameixas, amêndoas, avelãs, castanhas, nozes, pinhões, azeite cebolas, cevada, funcho, hortaliça, lentilhas, linhaça, melões e linho.

Hoje a gastronomia é baseada na carne de porco e seus derivados, como a morcela, morcela de bucho, chouriça, chouriço, farinheira e presunto, este ainda curado de forma tradicional. O cabrito e borrego continuam a fazer parte dos hábitos alimentares da população bem como o pão caseiro, a bica de azeite e a azeitona cordovil.

O mel da Serra da Lousã merece uma referência especial uma vez que passou a ter Denominação de Origem Protegida. Atualmente é o único produto da Beira Litoral com esta característica.

De toda esta herança resultou a criação de uma Carta Gastronómica que recria as receitas com mais história e tradição. Desses pratos destaca-se o Cabrito Assado, Sarrabulho, Bucho, Chispe, Negalhos, Tibornas, Chanfana, Maranhos, Cozido na Broa, Bacalhau com Broa, Broas de Mel e Leite, Papas de Carolo, Papas de Milho e a Tigelada. Vários restaurantes presenteiam-nos com estas iguarias, destacando-se o restaurante O Burgo em funcionamento desde 1989 e distinguido com um Garfo de Ouro e O Meseu da Chanfana que homenageia a gastronomia tradicional assente na carne de cabra velha e de porco e onde estão reunidas todas as etapas do ciclo de vida dos animais. É no Parque Biológico da Serra da Lousã que se realiza esse ciclo, desde o seu nascimento ao seu aproveitamento gastronómico. Este parque, a 8km da vila, é um projeto multifacetado na vertente turística associando à preservação da natureza, dos valores tradicionais e cultura da região. Conta com um Centro de Informação, Parque de Vida Selvagem, uma Quinta Pedagógica, Labirinto de Árvores, Roseiral, Centro Hípico, Museu Vivo de Artes e Ofícios Tradicionais, uma Loja de Artesanato, Museu da Tanoaria e Restaurante Museu da Chanfana. Este parque é uma passagem obrigatória para quem visita esta região.

5.3 Caracterização do aglomerado Serrano da Serra da Lousã

5.3.1 História da Ocupação das Aldeias do Xisto

Não terá havido grandes diferenças em tempo e circunstâncias na ocupação pelas comunidades da Serra da Lousã em relação a outros povos, ocupação essa, que possa datar já dos tempos da pré-história. Gravuras rupestres, achados arqueológicos datados já do período neolítico podem constituir provas seguras. Calçadas, pontes e nomes de locais são também testemunhos da passagem de povos Bárbaros, Romanos e Árabes.

Conímbriga, edificada não muito longe das Aldeias do Xisto, é sinal da presença dos Romanos como possíveis primeiros povos nesta região. A sua presença terá tido uma influência determinante no desenvolvimento deste território pela irradiação da rede viária. Esta inovação terá feito surgir novas produções agrárias, das quais se destaca a plantação de castanheiros, espécie característica destas aldeias. Conta-se que, quando nascia um filho, era hábito plantar dois castanheiros que se destinavam à construção da sua casa, para além da utilidade da madeira e venda do fruto como um dos meios de subsistência.

A cultura de regadio, implantada a cerca de 300 ou 400 anos, terá permitido implantar uma economia de subsistência, levando a crer que o povo amento da serra, se tenha aí fixado ao

longo no século XVI. Outras teorias defendem que essa ocupação esteja relacionada com antigas migrações ancestrais e rotas transumâncias.

Mas, o processo de fixação de comunidades nestes terrenos acidentados está fomentado em grandes movimentos demográficos ou pequenos episódios particulares que terão levado grupos de casais a decidirem aí fixarem-se. Há porém várias outras teorias que fundamentam essa fixação.

Pela narrativa de alguns habitantes, pares amorosos ou grupos fugidos, podem ter-se fixado e dado origem às povoações. Documentos do século XVII (1679 a 1687), uma multa e um registo de propriedade foral constituem provas. Outras explicações eram dadas por moradores: D. Dinis teria povoado a serra com casais e uns teriam subsistido e outros não, e daí as razões das casas perdidas. Outra versão, é a de que D. João de Cáceres teria ido viver para um rochedo perto do Catarredor (aldeia serrana da Serra da Lousã).

No início do séc. XIX apenas o Candal e a Cerdeira escaparam ao saque do exército napoleónico. Em 1885 a população das sete aldeias (as cinco Aldeias do Xisto, mais Catarredor e Vaqueirinho) corresponderia a 8,7% do total da freguesia da Lousã (5340 habitantes).

5.3.2 Património Edificado - Arquitetura do Xisto



Figura 21- Aldeia da Cerdeira, Lousã; Fonte: Autor

O relevo, qualidade dos solos, geologia, hidrografia, clima, coberto vegetal são elementos que influenciam diretamente as formas de ocupação humana do território, tipologias construtivas assim como o género de atividades económicas e modos de vida das populações.

A agricultura e pastorícia foram durante séculos, o sustento destes povos, sustento esse instável que se refletia na precariedade destes núcleos habitacionais e nos limitados recursos existentes.

A meia encosta da serra, nas zonas mais abrigadas, era por norma o local escolhido para a localização das populações. Nas zonas baixas com terrenos menos declivosos eram transformados em socacos sustentados por muros de pedra destinados ao uso agrícola. Por esses baixios escorriam as águas que os tornavam mais húmidos e produtivos, uma forma natural de tirar um melhor proveito dos recursos naturais existentes. Na área superior da encosta predominava a floresta que servia como fonte de alimento, à caça e recolha de madeira de castanheiro e pinho para construção de habitações.

O terreno acidentado impunha o nível, formato e disposição das construções que configuraram os aglomerados. Da arquitetura simples de xisto, principal elemento que predomina na geologia da serra, surgem as aldeias de implantação irregular em um ou dois pisos. Estas habitações, que se sobrepõem parcialmente entre si, vão formando pequenos recantos de formas diversas, por vezes bizarras, onde não é perceptível a distinção clara entre o espaço público e privado, resultando em ambientes intimistas e pitorescos de grande riqueza arquitetónica.

As vielas exteriores, entre habitações, eram sombrias e em terra batida, hoje são cobertas com placas de xisto, artesanalmente modeladas. Entre as casas apenas o espaço para passar e as eiras. Por norma orientados a poente a fim de aproveitar o maior ângulo e calor solar. Estas aldeias caracterizam-se também por extensas escadarias de degraus rústicos de tamanhos variados conforme o declive assim o impunha.

As habitações, construídas à mão, são a prova da simbiose entre património construído, geologia da serra e o coberto vegetal preponderante. São caracterizadas por uma planta retangular irregular e as habitações mais primitivas eram construídas através da sobreposição de pedra sobre pedra e telhado de colmo. Com a presença dos romanos, começaram a surgir novas formas de construção como a pedra trabalhada e argamassa, a telha e ladrilhos para revestimento dos pavimentos.

Inicialmente as habitações possuíam apenas um piso. Só mais tarde se começaram a construir com dois cujo acesso ao piso superior era feito através de uma pequena escada de xisto de

inclinação acentuada e quando o terreno o permitia era feito ao nível do exterior. Nessa situação, o piso inferior tomava a função de cave. As coberturas, usualmente de duas águas, eram feitas de madeira de castanho ou pinho, sendo que, esta era construída em barrotes cobertos por telha.

O piso térreo das habitações era utilizado para dar abrigo aos animais e guardar artigos da lavoura e estendia-se por norma, para um espaço exterior que tinha como função a extensão do espaço vital e que complementava a atividade hortícola. O segundo piso destinava-se à habitação e era constituído por uma divisão ampla principal (sala comum) onde se localizava o lume no chão sobre uma pedra. Este espaço era o centro do convívio, local de refeições, cozinha e quarto. Considerando o reduzido número de janelas de dimensões limitadas, a entrada de luz era escassa deixando na penumbra os seus interiores.

Dada a inexistência de chaminés eram criadas aberturas entre as telhas para a extração dos fumos cujo depósito dos mesmos contribuía para o escurecimento das habitações. O teto do piso térreo era o pavimento do piso superior constituído por tabuas aplanadas assentes em barrotes de madeira.

O pavimento do piso térreo era de terra batida e só a partir de meados do séc. XIX os pisos começaram a ser compartimentados com pedra de xisto sobreposta com espessura idêntica às paredes exteriores. No piso superior a maior parte das paredes divisórias eram em madeira.



Figura 22- Habitação de xisto antiga, pormenor do soalho do primeiro andar, aldeia da Cerdeira; Fonte: Autor



Figura 23- Habitação primitiva de telhado de colmo; Fonte: (Camara Municipal da Lousa, Abril de 2014)

Os eixos das dobradiças de portas e janelas eram em madeira, abriam para dentro em dois batentes e não tinham segundas janelas com vidros de proteção. A janela interior, que só mais tarde começou a ser utilizada, foi um elemento de melhor climatização e de regularização de luminosidade. Estas eram já dotadas com vidros quadrangulares.

A casa de banho e retrete eram inexistentes. As poucas alternativas resumiam-se às terras, havendo por vezes uma pia no pátio ou uma abertura no pavimento que dava para as lojas.

A mudança dos tempos e requisitos da vivência contemporânea levou a alteração das condições de habitabilidade, como por exemplo a introdução de meios de extração de fumo, rede elétrica e de água o que levou a que houvessem alterações arquitetónicas profundas ao nível da divisão interna e do uso dos espaços. Estas mudanças levaram a que hoje não se encontrem exemplares fiéis à configuração original.

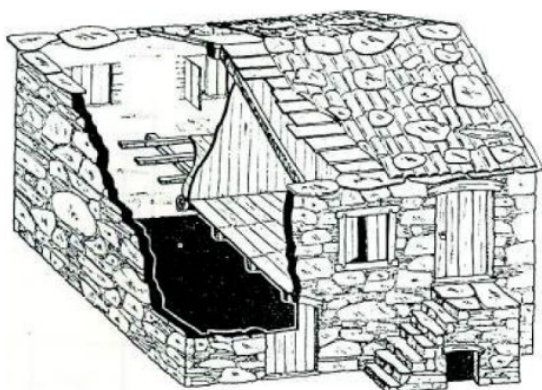


Figura 24- Ilustração casa de xisto antiga; Fonte: (Camara Municipal da Lousa, Abril de 2014)

5.3.3 Caracterização cultural, social e económica

O espírito de entreajuda sempre foi uma forma de subsistência entre os camponeses do grupo das aldeias serranas. Num ambiente social frágil e de precárias condições, leva as pessoas a unirem-se para, tanto quanto possível, suprimirem as suas dificuldades.

A cada conjunto de três aldeias, estava agregada uma capela para a realização de festejos de carácter religioso, naturalmente, nas datas próprias. Anualmente estes povos deslocavam-se ao Sto. António da Neve e às feiras de Poiares, Serpins, Condeixa e Coimbra. A labuta do ano buscava a sua compreensão nos bailes das eiras ou nos largos das capelas. Os festejos eram idênticos em todos os lugares: primeira missa e sermão, seguidos de danças animadas. Mas estas festas eram poucas, condicionadas pelo próprio espaço físico.

Entre os lugares da serra, sempre houve comunicações com o exterior, ainda que não existissem estradas. Os carreiros abertos pelo uso serviam para semanalmente se deslocarem á vila. Essa comunicação permitia efetuar trocas comerciais de castanhas e carvão. O carvão era uma importante fonte de rendimento da população, pois a sua produção acrescida da recolha de lenha possibilitava a aquisição de artefactos dos quais não podiam prescindir como, pás, machados,

ancinhos e enxadas. Era nas próprias aldeias que se efetuavam permutas com sapateiros, ourives, compradores de gado, mel e ferro velho. Mas a vila da Lousã impulsionada pela central hidroelétrica e a fábrica do papel do Prado impunha a sua importância e era nesta que se realizavam as trocas comerciais. Só aí se podiam encontrar pedreiros, carpinteiros, roupas, calçado, fósforos, sardinha¹³ e mais recentemente bacalhau, café, açúcar, arroz e quando necessário, fruta e mesmo milho e batatas, dada a baixa produtividade dos solos. Devido a essa baixa produtividade tudo servia para aduba-las: mato, carquejas, tojo, folhagem de castanheiros que misturavam nos currais dos animais com cinzas das lareiras. Apenas nos anos 60 começaram a ser produzidos adubos químicos.

Sendo a agricultura e a pastorícia os únicos meios de subsistência destes povos e sendo que esta era muito limitada devido à falta de produtividade dos solos e consequente na criação de animais, acrescida da precariedade e isolamento, estes povos possuíam uma visão de um mundo exterior cheio de possibilidades inimagináveis. Estas circunstâncias definiram o fenómeno migratório dos povos serranos que seguiram o seu destino para Lisboa, para o Brasil e América. Até mesmo a vila da Lousã constitui um importante ponto de chegada devido à instalação de algumas indústrias.

Aldeias	1885	1911	1940	1960	1970	1981	1991	2001	2011
Casal Novo	65	58	35	43	32	0	0	0	0
Cerdeira	70	75	79	51	18	0	0	0	*
Candal	-	-	-	-	-	-	22	2	3
Chiqueiro	23	22	45	26	12	4	4	3	2
Talasnal	74	129	79	90	59	2	2	0	1

Tabela 5- Evolução da População do Casal Novo, Cerdeira, Candal, Chiqueiro e Talasnal – (1885-2011);
Fonte: (Camara Municipal da Lousa, Abril de 2014)

¹³ Sardinha- muito usada, adquirida nas trocas comerciais e era guardada num prato com sal, ficando amarela.

Segundo os dados da evolução da população desde 1885 até 2011, a aldeia do Casal Novo registou o seu maior número de habitantes em 1885 com 65 residentes. Desde 1981 até à data não há registo de nenhum residente neste aglomerado habitacional.

A aldeia da Cerdeira, a sua maior população residente foi de 79 habitantes em 1940 e desde 1981 foram registados zero habitantes. Hoje verificam-se apenas dois residentes.

A aldeia do Candal não tem registos neste quadro até à data de 1991, mas segundo os dados fornecidos em (<http://aldeiasdoxisto.pt>, s.d.) atingiu o seu auge de população em 1940 com 201 habitantes; ainda contava com rebanhos de cabras e ovelhas num total de 1200 cabeças. Hoje conta com três habitantes.

A aldeia do Chiqueiro, a sua maior população residente ocorreu em 1940 com 45 habitantes e desde 2011 que mantém dois habitantes e um rebanho.

Da análise geral do quadro, verifica-se que o número de residentes permanentes em média se manteve constante até à data de 1940 a partir da qual, se observa uma acentuada queda. Esta queda está diretamente ligada às migrações acentuadas que se prolongaram até aos dias de hoje deixando estas aldeias desabitadas, vulneráveis e à mercê de uma degradação inevitável.

5.3.4 Programas e Intervenções realizadas nas Aldeias do Xisto da Serra da Lousã

Com uma consequente perda de memórias de outros tempos e o desenrolar de grandes mudanças na sociedade, o Concelho da Lousã considera este património um elemento estratégico potenciador de novas dinâmicas. Numa perspetiva de salvaguardar e valoriza estes aglomerados populacionais procedeu-se à execução dos “planos de aldeia” para a candidatura ao programa PAX com a criação de um gabinete técnico local na Lousã.

A Candidatura ao programa aldeias de xisto PAX permitiu:

- Implementação de infraestruturas (abastecimento de água, saneamento, eletricidade e telecomunicações);
- Celebração de protocolos com os proprietários de imóveis para recuperação de fachadas e coberturas;
- Requalificação / reabilitação do espaço público;
- Adesão à rede de aldeias do xisto.

- A Câmara Municipal da Lousã recuperou pré-existências públicas e privadas dentro das características arquitetónicas iniciais tendo em conta as necessidades atuais.
- A Câmara Municipal da Lousã lançou um concurso público para a beneficiação das estradas de acesso às aldeias do xisto da Cerdeira, Chiqueiro, Talasnal e Casal Novo.

5.4 As aldeias hoje

Para uma melhor compreensão da realidade atual deste aglomerado serrano, tendo em conta a proposta a realizar para a sua beneficiação, foi necessária a elaboração de uma análise individual a cada uma destas aldeias tendo em conta: a distância à vila da Lousã, o número de habitantes atual, serviços que oferece, acolhimento, atividades e economia local neles contidos.

A realidade atual de cada um destes aglomerados tem que ser compreendido dentro do contexto dos programas de conservação e requalificação de que foram alvo, nomeadamente ao abrigo do programa (PAX) juntamente com a Câmara Municipal da Lousã

5.4.1 A aldeia da Cerdeira

“Aqui mora a tranquilidade... Percorrer a aldeia é um exercício físico e sensorial. A cada passo há um recanto, um beco, um elemento que não se sabe se ali foi colocado pelo Homem ou pela Natureza. Não há dissonâncias. Há o som da tranquilidade.” (<http://aldeiasdoxisto.pt>, s.d.)



Figura 25- Aldeia da Cerdeira; Fonte: Autor

Concelho:	Lousã
Altitude:	660 m
Distancia á Lousa:	10,8 Km
Habitantes Permanentes:	2
Nome da População:	Cerdeirences
Padroeiro:	Nossa Senhora de Fátima
Ex libis:	Caminho de acesso ao interior da aldeia

Tabela 6- Dados referentes à aldeia da Cerdeira; Fonte: Autor

A aldeia da Cerdeira localiza-se a 10,8km da vila da Lousã e a oeste pode ser observado o ponto mais alto da Serra; o Alto do Trevim, detentor de um grande interesse turístico.

O nome Cerdeira ou “Saradeira” em português antigo identifica a árvore mais vulgarmente designada por cerejeira. Presume-se que esta aldeia era detentora dessa espécie, sendo que a sua localização é propícia ao seu desenvolvimento.

Consta que, para os três últimos habitantes primitivos da Cerdeira “o fim do mundo” aconteceu em 1970, aquando de uma discussão sobre a partilha de água acabou, de forma fatídica, acabando com a vida na aldeia.

A aldeia da Cerdeira, acessível apenas por um único caminho, junto á estrada nacional 236, desenvolve-se em linha reta no sentido vertical e é atravessada pela ribeira da Cerdeira. Nesta aldeia nenhuma habitação se encontra rebocada e o material de construção predominante é o xisto escuro.

É a aldeia onde mais se sentem as ligações com a natureza. Está inserida na da Rede Natura 2000 e é frequente o cruzamento com veados e javalis à entrada da aldeia.

Pontos a visitar:

-A Capela de N.^a Sr.^a de Fátima, á entrada da aldeia, é uma antiga capela dedicada a São Lourenço e era partilhada por mais duas aldeias vizinhas: Silveira de Cima e Silveira de Baixo.

-A Fonte, construída pela Câmara Municipal da Lousã em 1938.

-Alminha, um nicho que contém uma tábuia pintada com um voto dedicado ao Senhor dos Aflitos. Localiza-se numa casa particular no centro da aldeia.

-A Casa das Artes e Ofícios, uma pré-existência que se encontrava perto da ruína e que foi reabilitada ao abrigo do programa ECO-ARQ¹⁴ que tinha como objetivo principal promover o turismo criativo e artístico local. Este edifício foi adaptado segundo critérios específicos como o uso de materiais e técnicas de construção locais como, a pedra de xisto e argamassa de barro, madeira de castanheiro e placas de granulado de cortiça como isolamento térmico.

-O Atelier de *Kerstin Thomas*. *Kerstin Thomas* nasceu em 1964 na Alemanha onde, após concluir os seus estudos em artes plásticas, aprendeu numa oficina de *design* o ofício da talha

14 - Uma iniciativa nascida através da cooperação entre 7 parceiros e tem como objetivo acrescentar um valor económico às rotas turísticas através da reabilitação sustentável do património construído tradicional.

em madeira. Em 1990 radicou-se em Portugal, reside e trabalha na aldeia da Cerdeira onde criou o seu próprio *atelier*.

Produtos que esta aldeia oferece:

- Artesanato;
- Produtos Planta do Xisto: chás, infusões, doces caseiros, sais e plantas aromáticas;
- Mel.

Festas e Eventos:

- Julho ou Agosto a Festa de Nossa Senhora de Fátima, festa da aldeia;
- Julho, Encontro dos Povos Serranos em Santo António da Neve;
- Julho, Elementos à solta, “*Art meets nature*”. São convidados artistas alguns dos melhores artistas do *craft* português para residir, expor e trabalhar na aldeia. Conta com exposições, música, teatro, conversas, *Workshops* e a Taberna das Artes (aulas de culinária).

Experiencias:

- Trilhos do Xisto, antigos trilhos utilizados pela população Serrana, sendo eles: Caminhar de Aldeia em Aldeia do Xisto (Talasnal-Lousã); Trilho Aldeias do Xisto I (Talasnal-Casal Novo- N.ª Senhora da Piedade); Trilho Aldeias do Xisto II (Talasnal-Catarredor- N.ª Senhora da Piedade); Trilho Aldeias do Xisto III (Talasnal-Casal Novo- Chiqueiro).
- Master Workshop* de “Talha em Madeira de Castanho”, uma nova abordagem a uma prática ancestral de talha em madeira usando matérias-primas locais, lecionado por *Kerstin Thomas*.
- “Planta do Xisto” que teve origem na determinação de inverter a situação do total abandono dos terrenos agrícolas na aldeia da Cerdeira. Em 2003 o jovem agricultor António Carlos Andrade teve como objetivo gerar uma atividade económica sustentável na Cerdeira, através da produção de plantas aromáticas. A “Planta do xisto” propõe: *Workshop* de extração de óleos essenciais de plantas aromáticas com Mónica Zuzarte; degustação de chás e doces caseiros; sais aromáticos de produção biológica; cursos e oficinas sobre agricultura biológica, plantas aromáticas e eventos culturais;

Acolhimento:

- Casa Rural (T4) para 8 pessoas;

- Casa do Forno (T1) para 3 pessoas;
- Casa da Escada (T1) para 3 pessoas;
- Casa da Janela (T2) para 5 pessoas;
- Casa das Artes e Ofícios;
- Residência Artística (T1) para 6 pessoas;
- Casa da Cerejinha (T2) para 5 pessoas.

Serviços que a aldeia oferece:

- Recepção;
- Estacionamento;
- Instalações Sanitárias;
- Antiga Represa;
- Cerdeira Village, programa de retiros artísticos com disponibilização de instalações para uso coletivo.
- Website: www.cerdeiravillage.com/pt/.



Figura 26- Alminha, Cerdeira; Fonte: (Autor)



Figura 27- Escultura na aldeia da Cerdeira; Fonte: (Autor)



Figura 28- Atelier de Kerstin Thomas, Cerdeira; Fonte: (Autor)



Figura 29- Antiga Represa, Cerdeira; Fonte: (Autor)

5.4.2 Candal

“Aninhada na serra... Mais do que um ponto de apoio, é um reconfortante porto de abrigo para quem sobe ou desce a serra.” (<http://aldeiasdoxisto.pt>, s.d.)



Figura 30- Aldeia do Candal; Fonte: (www.aldeiasdoxisto.pt, s.d.)

Concelho	Lousã
Altitude	630 m
Distancia á Lousa	11,6 Km
Habitantes Permanentes	3
Nome da População	Candalenses
Padroeiro	Nossa Senhora das Preces
Ex libis	Loja do Candal

Tabela 7- Dados referentes á aldeia do Candal; Fonte: (Autor)

A aldeia do Candal localiza-se a 11,6 Km da vila da Lousã na vertente oeste da serra, orientada a sul. Esta aldeia beneficia da proximidade com a estrada Nacional 236 que toca na sua parte inferior e que liga a vila da Lousã a Castanheira de Pêra e, por isso, muito habituada a receber visitantes.

O nome Candal poderá ter origem no ofício de trabalhar a pedra. Os homens enquanto a trabalhavam cantavam. “Cantar a pedra” evoluiu para “candar” e seguidamente para Candal, o lugar onde se canta a pedra.

A sua malha é irregular, complexa e cresce pelas vertentes da serra. As habitações desenvolvem-se, na sua maioria, na encosta virada a nascente e as restantes nas outras encostas. Todas as habitações convergem para o mesmo ponto, onde passa a ribeira do Candal que, mais abaixo, se transforma no rio Arouce, depois Ceira, acabando por desaguar no rio Mondego. O material predominante é o xisto, embora o conjunto de casas junto á estrada se encontre com fachadas rebocadas, pintadas que desrespeitam o traço e volumetria dominantes e que torna esta aldeia dissonante dentro do restante conjunto.

O Candal está incluído na Rede Natura 2000.

Pontos a visitar:

- A Antiga Escola Primária, construída na década de 1920 com remessas enviadas pelos habitantes que tinham emigrado.
- O Chafariz do Candal, localizado na berma da estrada EN236, datado de 1941, com duas pedras para sentar onde se pode ler um poema.
- A Alminha, a única construção religiosa que existe nesta aldeia. Encontra-se no largo e foi mandada construir por uma família de Candalenses como pagamento de uma promessa.
- Cinco Moinhos hidráulicos, construídos em 1920, no percurso da margem da ribeira de Candal e era o mecanismo utilizado para a moagem dos cereais e grãos.
- O Lagar de azeite construído em 1919 que, também ele aproveita as águas da Ribeira. Recentemente foi recuperado e o seu mecanismo continua funcional.
- Lavadouro;
- Miradouro;

-Telheiro.

Produtos:

- Hortícolas,
- Fruta da época,
- Castanha,
- Produtos típicos vendidos na loja do Candal.

Festas e Eventos:

- Julho: Encontro dos povos serranos em Santo António da Neve, freguesia do Coentral, concelho de Castanheira de Pera;
- Último Sábado de Agosto: Festa de Nossa Senhora das Preces, festa da aldeia;
- Agosto: Noites na Eira (cinema);
- Setembro: Festa da Música;
- Dezembro: Natal no Candal é uma feira de Produtos Regionais e Artesanato. Conta com cânticos, música ao vivo e exposição de presépios;
- Março: Festa da Primavera, consiste num programa variado dirigido às sementes e flores, *workshops* de recolha e conservação de sementes, jogos tradicionais, confeção de pão em forno a lenha e música.

Experiencias:

- Trilho Aldeias de Xisto II, os antigos trilhos da população serrana, (Talasnal-Catarredor- N^a Senhora da Piedade);

Acolhimento:

- Casa Cimeira (T3) para 6 pessoas;
- Casa da Bugalhas (T3) para 6 pessoas.

Serviços:

- Estacionamento;
- Área de receção;
- Antiga represa, atual piscina;
- Loja da Rede de Aldeias do Xisto, com cafetaria e esplanada.

5.4.3 Chiqueiro

Embalados pelas campainhas do rebanho...onde parece que o tempo parou.

(<http://aldeiasdoxisto.pt>, s.d.)



Figura 31- Aldeia do Chiqueiro; Fonte: (www.aldeiasdoxisto.pt, s.d.)

Concelho	Lousã
Altitude	560 m
Distancia á Lousa	10,1 km
Habitantes Permanentes	2
Padroeiro	Nossa Senhora da Guia
Ex-libris	Capela de Nossa Senhora da Guia

Tabela 8- Dados referentes à aldeia do Chiqueiro; Fonte: (Autor)

A aldeia do Chiqueiro localiza-se a 10,1 km da vila da Lousã, na vertente ocidental da serra, numa encosta exposta a nordeste. A sua localização permitiu que os aldeãos tirassem melhor proveito das terras, uma vez que, aqui os declives são menos acentuados.

O nome Chiqueiro vem do nome “Chico”, que significava porco e “eiró” que significa curral, pocilga ou lugar sujo. Diz a canção popular:

*“...Primavera, Primavera,
Primavera dos boieiros,
Coitados desses pastores
Que dormem nesses chiqueiros...”* (<http://aldeiasdoxisto.pt>, s.d.)

É a mais pequena das cinco aldeias e é demarcada por duas linhas de água que correm ao encontro da Ribeira da Vergada, passando ao lado do Talasnal até à Ribeira de S. João.

A malha urbana é simples. Organiza-se por uma estreita rua onde se desenvolvem as habitações. O material de construção predominante é um xisto escuro e a capela é o único edifício que se encontra rebocado.

O Chiqueiro está incluído na Rede Natura 2000 e aqui são abundantes e facilmente observáveis veados, corços e javalis que deambulam por esta paisagem á procura de alimento.

Pontos a visitar:

-Capela de N.ª Senhora da Guia. Esta capela era partilhada pelos habitantes do Casal Novo e Talasnal e por isso pensa-se que terá sido das aldeias mais importantes dentro deste conjunto.

-Inscrição religiosa, uma inscrição que se localiza na fachada de uma casa, junto à capela em pedra de xisto. Pensa-se que terá sido o prior residente nesta aldeia que terá feito a inscrição religiosa;

- Miradouro.

Produtos:

-Cabrito

-Castanha

-Queijo

-Mel

Festas e eventos:

- Encontro dos povos serranos no Santo António da Neve, freguesia do Coentral, concelho de Castanheira de Pera;
- Festa de Nossa Senhora da Guia.

Experiencias:

- Trilho Aldeias do Xisto III, antigos trilhos da população serrana, (Talasnal-Casal Novo-Chiqueiro)

Acolhimento:

- 0 Casas

Serviços:

- Estacionamento;
- Fonte e tanque;
- Parque de merendas.

5.4.4 Talasnal

“Animada por deliciosos sabores...

Uma aldeia cheia de carisma e de pormenores que fazem esquecer o tempo a passar.”



Figura 32- Aldeia do Talasnal; Fonte: (www.aldeiasdoxisto.pt, s.d.)

Concelho	Lousã
Altitude	520 m
Distancia á Lousa	12,6 km
Habitantes Permanentes	1
Padroeiro	Nossa Senhora da Guia
Ex-libris	Restaurante Ti Lena

Tabela 9- Dados referentes á aldeia do Talasnal; Fonte: (Autor)

A aldeia do Talasnal localiza-se a 12,6 km da vila da Lousã na vertente ocidental da serra, numa encosta exposta a norte. A sua implantação é feita junto a dois cursos de água e é a maior das cinco aldeias. É caracterizada por uma malha complexa que se estende pela encosta e a rua principal acompanha o acentuado declive da vertente e o material predominante é o xisto escuro. Alguns edifícios, poucos, encontram-se rebocados. A aldeia está incluída na Rede Natura 2000.

Pontos a visitar:

- Espaço memórias, exposição de fotografia da Ti Lena e Ti Manel. “Terra, pedra, vida e memória no Talasnal”.
- Alminha, um nicho envolvido por uma moldura de madeira.
- Lagar de azeite. Existem dois, um está em ruína e são o testemunho da produção de azeitona e azeite nestes aglomerados serranos;
- Eira de Cima;
- Eira de Baixo.

Produtos

- Talasnicos, doçaria conventual que casa o mel e a castanha;
- Retalhinhas, uma recente receita inspirada na aldeia do Talasnal. São pastéis á base de castanha e amêndoa e foram criados por Maria José, proprietária da Casa da Urze no Talasnal e do Retalhinho (loja e restaurante);
- Pastel de Castanha.

Festas e eventos:

- Magusto nas Aldeias, comemorar-se o dia de S. Martinho onde se comem castanhas e se bebe jeropiga. São momentos onde se recriam antigos costumes e hábitos antigos.

Experiencias:

- Percursos de BTT;
- Caminhar de Aldeia em Aldeia do Xisto, antigos trilhos da população serrana, (Talasnal-Lousã);
- Trilho Aldeias do Xisto I, antigos trilhos da população serrana, (Talasnal-Casal Novo-N.^a Senhora. da Piedade);
- Trilho Aldeias do Xisto II, antigos trilhos da população serrana, (Talasnal-Catarredor- N.^a Senhora da Piedade);

- Trilho Aldeias do Xisto III, antigos trilhos da população serrana, (Talasnal-Casal Novo-Chiqueiro).

Acolhimento:

- Casa Lausus (T2+2): 6 pessoas
- Casa da Princesa Peralta (T3): 6 pessoas
- Casa da urze (T1+1): 3 pessoas
- Casa do forno (T1): 2 pessoas

Serviços

- Lojinha da Ti Filipa é uma pequena loja que vende produtos locais como doçaria e artesanato. Não está inserida na Rede de Lojas das aldeias do xisto.
- O Retalhinho, uma pequena loja que vende produtos locais e serve refeições.
- Restaurante Ti Lena. Um restaurante que nos presenteia com comida tradicional e é uma das principais atrações desta aldeia, cujo nome foi dado em homenagem à última habitante do Talasnal ali nascida.
- Bar O Curral, é um pequeno bar rústico que detém um coleção imensurável de licores e aguardentes típicas de produção artesanal.



Figura 33- Bar o Curral, aldeia do Talasnal;
Fonte: Autor



Figura 34- Bar o Curral, aldeia do Talasnal; Fonte: Autor



Figura 35- Restaurante o Retalhinho, Talasnal; Fonte: Autor



Figura 36- Loja do restaurante o Retalhinho, Talasnal; Fonte: Autor



Figura 37- Cozinha do restaurante Ti Lena, Talasnal; Fonte: Autor



Figura 38- Restaurante Ti Lena, Talasnal; Fonte: Autor

5.4.5 Casal Novo

“Casal novo em xisto velho...”

Aldeia quase despovoada, mergulhada numa densa mancha florestal. Desliza encosta abaixo, o que torna a sua presença quase impercetível.”



Figura 39- Aldeia do Casal Novo; Fonte: (sminhasvisoesdomundo.blogspot.pt)

Concelho	Lousã
Altitude	560 m
Distancia á Lousa	10,3 km
Habitantes Permanentes	0
Padroeiro	Nossa Senhora da Guia
Ex-libris	Antiga Eira

Tabela 10- Dados referentes à Aldeia do Casal Novo; Fonte: (Autor)

A aldeia do Casal Novo, a 10,3 Km da vila da Lousã, localizada na vertente ocidental da Serra e desenvolve-se em sentido descendente por numa encosta declivosa orientada a Norte e que desce até ao Santuário da Senhora da Piedade.

“Casal”, do português arcaico, significava aglomerado de duas ou três casas em meio rural e “Novo”, indica que poderá ter sido a mais recente das aldeias a ser construída.

“O fim da ocupação humana tradicional desta aldeia, foi uma ironia trágica. No dia em que o último habitante se meteu ao caminho, já de malas aviadas, avistou as camionetas que chegaram para abrir a estrada e ligar a luz, objetivos por que sempre lutara dezenas de anos.” (<http://aldeiasdoxisto.pt/>, s.d.)

A aldeia do Casal Novo apresenta uma estrutura em espinha dorsal representada por uma rua central declivosa que aproveita as linhas principais da encosta e o casario desenvolve-se nas laterais da mesma. O material predominante é o xisto escuro e a maior parte dos edifícios não se encontram rebocados. Das construções tradicionais resta a fonte, o tanque e a eira que é o atual miradouro da aldeia e de onde se pode desfrutar de uma bela paisagem para a serra e vila da Lousã.

Pontos a visitar:

- Miradouro da Eira;
- Fonte e tanque (desativados).

Produtos:

- 0 Produtos.

Festas e Eventos:

- 0 Festas e Eventos

Experiencias:

- Trilho Aldeias do Xisto I, antigos trilhos da população serrana, (Talasnal-Casal Novo-N.^a Senhora. da Piedade);
- Trilho Aldeias do Xisto III, antigos trilhos da população serrana, (Talasnal-Casal Novo-Chiqueiro).

Acolhimento:

- Casa da Eira T1: 10 pessoas (não pertence á Rede das Aldeias do Xisto);
- Existem mais duas casas disponíveis, não pertencendo á Rede de Aldeias do Xisto não será possível especifica-las por não haver informação disponível.

Serviços:

-Estacionamento.



Figura 40- Eira, Casal Novo; Fonte: Autor



Figura 41- Eira, Casal Novo; Fonte: Autor

5.5 Análise quantitativa da situação atual de cada aldeia

Após uma breve abordagem a cada aldeia, foi necessária a elaboração de uma tabela-síntese de conclusão sumária, representada através de um gráfico, que permite uma leitura rápida da situação atual de cada aldeia após as intervenções a que estiveram sujeitas

Estes elementos foram elaborados com recurso á sintetização traduzida em valores numéricos no que se refere: ao número de habitantes atual de cada aldeia, serviços que oferece, hospedagem e acolhimento, atividades e economia local neles contidos. Estes elementos permitiram a quantificação dos parâmetros, que estruturam a realidade presente de cada aldeia.

	Cerdeira	Candal	Chiqueiro	Talasnal	Casal novo
Distancia á Lousa	10,8 Km	11,6 Km	10,1 Km	12,6 Km	10,3 Km
Nº de habitantes	2	3	2	1	0
Serviços	-Estacionamento -Receção -I.S -Antiga Represa, -Cerdeira Village - <i>website</i>	-Estacionamento -Área de receção -Antiga Represa, atual piscina -Loja Aldeias do Xisto	-Estacionamento -Fonte e tanque - Parque de merendas	- Lojinha da Ti Filipa - O Retalhinho - Restaurante ti lena -Bar o curral	-Estacionamento
Acolhimento	7 Casas	2 Casas	0 Casas	-4 Casas	3 Casas
Pontos a visitar	-Capela de N. ^a Sr. ^a de Fátima -Alminha -Fonte -Atelier	-Telheiro -Antiga Escola Primária -Chafariz -Alminha -Moinhos de Água -Laga de azeite - Lavadouro - Miradouro	-Capela de N. ^a Sr. ^a da Guia -Inscrição religiosa	-espaço memórias - Alminha -Lagar de azeite -Eira de Cima -Eira de Baixo	Miradouro da Eira -Fonte e tanque
Experiencias	-Trilhos do Xisto - <i>Workshop</i> de Talha em Madeira de Castanho -Planta do Xisto -Eventos culturais	-Trilho Aldeias de Xisto II -Água Musa -Tour Xisto	-Trilho Aldeias do Xisto III	-Caminhar de Aldeia em Aldeia do Xisto - Trilho Aldeias do Xisto I - Trilho Aldeias do Xisto II - Trilho Aldeias do Xisto III	- Trilho Aldeias do Xisto I - Trilho Aldeias do Xisto III
Festas e eventos	- Festa de Nossa Senhora de Fátima - Encontro dos povos serranos -“Elementos à solta”	- Festa da Primavera -Encontro dos povos serranos -Festa de Nossa Senhora das Preces - Noites na Eira (cinema) - Festa da Música - Natal no Candal	- Encontro dos povos serranos - Festa de Nossa Senhora da Guia	- Magusto nas Aldeias - Percurso de BTT	
Produtos	-Artesanato -Agricultura biológica -Mel -Produtos tradicionais	-Mel -Produtos Hortícolas -Fruta da época -Castanha	-Cabrito -Castanha -Queijo -Mel	-Talasnicos -Retalinhos - Pastel de Castanha	

Tabela 11- Situação atual de cada aldeia; Fonte: (Autor)

Da análise da tabela resulta o seguinte gráfico:

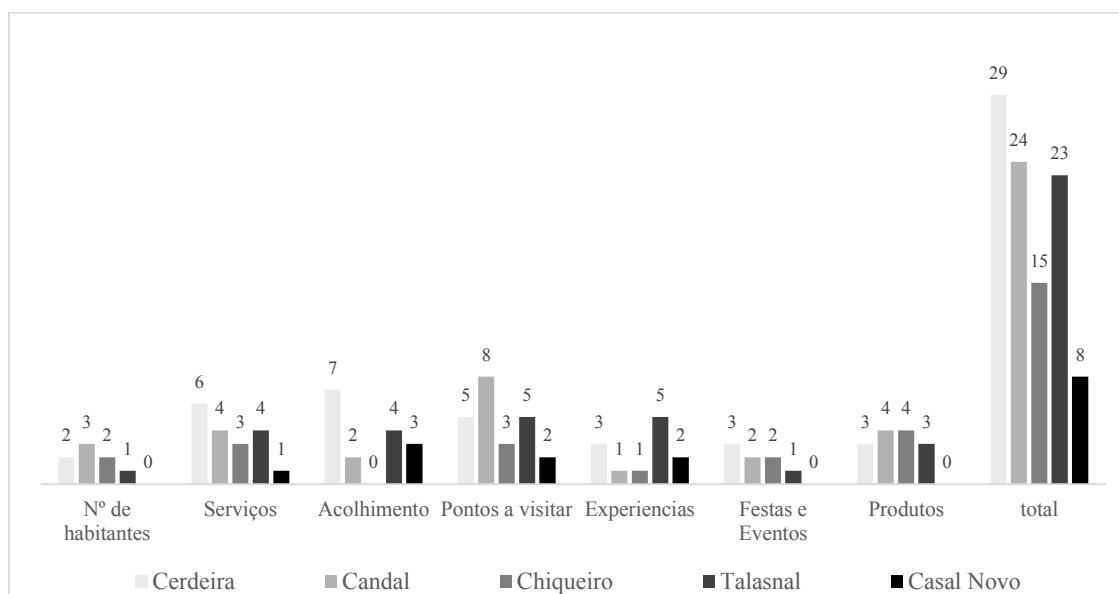


Gráfico 2- Situação atual de cada aldeia; Fonte: (Autor)

Sendo objetivo principal dos programas melhorar as condições de vida das populações, proporcionar uma maior dinamização social, defender e salvaguardar o património paisagístico, edificado, histórico e cultural, potenciar o turismo e proporcionar assim o seu desenvolvimento económico, na sequência das conclusões elaboradas no capítulo II e após a análise específica das intervenções e ações realizadas em cada uma destas aldeias, aferiu-se que estas ainda têm um longo caminho a percorrer podendo-se caracterizar de uma forma geral como razoáveis.

Tendo em conta a distância a que se encontram de um centro urbano, a Vila da Lousã, numa média de 10km, 15 minutos de carro, comparando com a realidade das aldeias vizinhas Catarredor e Vaqueirinho habitadas desde há muito, tal facto poderá estar assente no divórcio entre as componentes social e económica onde os programas não foram aplicados. As ações não foram distribuídas equitativamente entre as aldeias, facilmente observável na disparidade de valores do gráfico apresentado em que é fácil observar que a aldeia de Chiqueiro e Casal Novo se encontram com valores muito inferiores às restantes.

Desta análise pode-se também concluir que o setor que mais beneficiou destas ações foi o setor turístico proveniente do despertar do potencial económico que estes espaços são detentores. Com os interesses assentes nesta categoria do turismo foi inevitável a reabilitação do património existente e que atualmente se encontra em bom estado de conservação.

O turismo trouxe, também consigo, a criação de inúmeros programas e atividades que se podem executar nas diferentes aldeias, incluídas na categoria de Turismo em Espaço Rural (TER). Daí resultou a marca e submarca elaboradas pela ADXTUR: Rede de Lojas das Aldeias do Xisto; Calendário de Animação das Aldeias do Xisto, Rede de Praias Fluviais, Rede dos percursos pedestres e de BTT; Rede dos Centros Interpretativos e dos Ecomuseus e, como consequência, a formação da população para uma melhor abertura com o exterior. Tal premissa permitiu disfarçar uma suposta ação social. Não havendo residentes nas aldeias como é que tal facto pode ser executado?

Todas as ações foram tomadas em função do turismo que, com belas palavras e poemas, descrevem aldeias que ainda não existem. Por de traz dos belos textos de apresentação aparecem espaços que estão em total abandono vivendo apenas de algum fluxo turístico aos fins-de-semana e em épocas festivas.

Tendo, como objeto principal deste trabalho, definir um conjunto de princípios gerais de intervenção a implementar nos difíceis processos de recuperação e reabilitação nas aldeias de Xisto na Serra da Lousã com vista ao seu desenvolvimento sustentável e, após a análise e conclusões retiradas da atual situação destas aldeias, permitiu definir uma síntese coerente de todos os elementos relevantes para a aplicação de um programa de reabilitação assentes nas componentes social, patrimonial e turístico com vista ao seu desenvolvimento económico.

Uma vez que o caso de estudo engloba cinco aldeias desprotegidas, e não sendo possível a intervenção em todas elas devido á extensão programática, foi necessário escolher uma destas aldeias para a implementação de um equipamento de suporte base que sirva as atuais necessidades não só da aldeia mas do conjunto em si, sendo uma intenção agregar este programa aos já existentes corrigindo algumas das suas lacunas.

Da análise do gráfico 2 pág.81 conclui-se facilmente que a aldeia do Casal Novo é a que se encontra mais desprotegida dentro do núcleo das aldeias do Xisto da Lousã, sendo esta um elemento de prioridade no que toca á recuperação e reabilitação.

5.6 Enquadramento Legal

Estas aldeias encontram-se classificadas nos termos da 1.^a Revisão Plano Diretor Municipal (PDM) da Lousã, publicada no Diário da Republica, 2.^a série- N.º130, de 9 de Junho de 2013,

com entrada em vigor em 10 de Junho de 2013 e estão reguladas pelos artigos 87.º Identificação, 88.º Ocupações e utilizações e 89.º regime de edificabilidade.

Artigo 87.º - Identificação

1- Correspondem às aldeias da Serra da Lousã, bem delimitadas e com personalidade própria. Trata-se de aglomerados urbanos com características tipicamente serranas, quer pela sua implantação em vertentes inclinadas, quer pelos materiais de construção que se pretenda conservar, dadas as características tipológicas diferenciadas que possuem. Não se pretende fomentar, nestas aldeias, o crescimento da área edificada, mas sim, a recuperação e conservação dos imóveis existentes, com manutenção das características tipológicas e de materiais habitualmente utilizados.

2- Constituem as aldeias de xisto da serra da Lousã os seguintes aglomerados: Candal, Talasnal, Casal Novo, Chiqueiro, Vaqueirinho, Catarredor, Cerdeira e Silveira de Baixo.

Artigo 88.º- Ocupações e utilizações

1- As aldeias de xisto da serra da Lousã destinam -se predominantemente a habitação, comércio, serviços, turismo e equipamentos de utilização coletiva.

2- São ainda permitidas ocupações e utilizações compatíveis com as dominantes, relacionadas com a utilização de recursos endógenos, desde que se integrem na envolvente urbana e não contrariem o disposto no artigo 10.º do presente Regulamento:

Artigo 10.º- Compatibilidade de ocupações e utilizações

2- São razões suficientes de incompatibilidade, fundamentando a recusa de licenciamento, autorização ou comunicação prévia, as ocupações e utilizações que:

- a) Deem lugar à produção de fumos, cheiros ou resíduos que afetem as condições de salubridade ou dificultem a sua melhoria;
- b) Perturbem gravemente as condições de trânsito e estacionamento ou provoquem movimentos de cargas e descargas que prejudiquem as condições de utilização da via pública;
- c) Acarretem agravados riscos de toxicidade, incêndio ou explosão;

d) Prejudiquem a salvaguarda e valorização do património classificado ou de reconhecido valor cultural, arquitetónico, arqueológico, paisagístico ou ambiental; e) Correspondam a outras situações de incompatibilidade previstas na legislação em vigor.

Artigo 89.º - Regime de edificabilidade

As operações urbanísticas a realizar nas aldeias de xisto da Serra da Lousã deverão obedecer às orientações:

a) As intervenções a levar a efeito nas edificações existentes deverão privilegiar a preservação e valorização das mesmas;

b) Serão permitidas obras de demolições nos seguintes casos:

I) Edifícios que, reconhecidamente, não apresentem valor histórico ou arquitetónico ou quando a sua conservação não seja possível, sob o ponto de vista de segurança e salubridade, desde que devidamente demonstrado e justificado, bem como aceite pela Câmara Municipal;

II) Edifícios ou partes destes quando apresentem estado de derrocada iminente, constituindo perigo para a segurança das pessoas e bens;

III) Edifícios dissonantes;

c) As obras de ampliação, reconstrução e alteração das edificações deverão respeitar as seguintes condições:

I) Respeitar a forma que define a silhueta dos edifícios, designadamente, das águas, das coberturas e dos volumes balanceados, admitindo-se apenas alterações devidamente justificadas, desde que as mesmas não representem perda de qualidade ou coerência ou interfiram na harmonia do conjunto urbano;

II) Nas edificações de um só piso poderá eventualmente acrescentar-se mais um, desde que daí não decorram inconvenientes urbanísticos e do ambiente paisagístico local e que o referido acréscimo não interfira com vãos existentes nas edificações contíguas;

III) Observância das características das coberturas preexistentes designadamente, a inclinação e os materiais;

IV) Observância dos princípios compositivos das fachadas, incluindo ritmo e proporção dos vãos e elementos da sua construção;

V) Conservar, sempre que possível, os elementos estruturais internos;

VI) Privilegiar, manter e enquadrar os pormenores notáveis;

VII) Remover e ou substituir os elementos dissonantes;

d) Será admitida a edificação de construções novas apenas quando as mesmas não alterem a escala do aglomerado e na condição de elas acompanharem um processo de reabilitação integrada das edificações existentes. De qualquer modo não serão autorizadas novas construções que estendam o aglomerado ao longo da estrada que o serve, ou que venham a situar -se do lado contrário em relação a essa estrada;

e) As construções novas devem respeitar as características urbanísticas da aldeia onde se inserem, por forma a contribuírem para a valorização da imagem urbana e da paisagem da zona que integram;

f) É interdita a introdução/utilização de:

I) Reboco nas paredes exteriores;

II) Telha que não seja a existente na construção originária ou de canudo vermelho (que deverá ser coberta com placas de ardósia negra);

III) Alumínios ou outro material que não a madeira em portas e janelas e de guarnições metálicas nas guardas das varandas de modelo diferente dos existentes nas aldeias;

IV) Chaminés ou saídas de exaustão em materiais e ou modelo diferentes das características das aldeias;

V) Elementos dissonantes que contribuam para a descaracterização das aldeias;

g) Na utilização de energias renováveis deverão ser adotadas soluções não suscetíveis de causar impacto estético e que não ponham em causa as características e a autenticidade das aldeias.”

Aldeias de Casal Novo, Chiqueiro, Talasnal, Cerdeira e Candal inserem-se na Planta de Ordenamento: “Classificação e qualificação do solo”; “Zonamento Acústico - zonas sensíveis a zonas mistas e áreas de conflito”; “Património Natural”.

CAPITULO VII | PROPOSTA: MODELO DE INTERVENÇÃO - CASAL NOVO

7.1 Memória descritiva e justificativa

7.1.1 Contextualização da proposta

A aldeia do Casal Novo, tal como se constatou na tabela e no gráfico 2 representados no capítulo VI (pág. 75-76) é a aldeia mais desprotegida dos núcleos das aldeias do Xisto pertencentes ao Município da Lousã. Neste sentido, considera-se que é a aldeia que mais necessita de um impulsionador de desenvolvimento. Face á análise do aglomerado serrano e do que este tem para nos oferecer, fez-nos refletir no que poderia um espaço multifuncional trazer de mais-valia para esta aldeia. Fazia todo o sentido partir do que é mais essencial para a sua subsistência. Propõe-se a criação de um espaço composto por uma mercearia/loja, restaurante, café/bar e uma horta. Estas opções traduzem-se na resposta face ao desenvolvimento sustentável destes territórios em que cada elemento vem preencher uma ou mais premissas estipuladas neste tipo de desenvolvimento e em que nenhuma funciona isolada sendo que existe uma inevitável interdependência entre elas.

Surge a dúvida do local que pudesse potenciar a criação de um espaço com estas características. Recuando àquele que era o original funcionamento da aldeia, não haveria sítio melhor que o edifício localizado na eira, que atualmente cumpre a função de miradouro. Era neste local onde se reuniam as pessoas, onde eram feitos os convívios e por vezes algumas trocas comerciais, sendo como que uma centralidade da aldeia. Ainda nos dias de hoje este local continua a ser o ex-libris deste pequeno povoado, sendo umas das principais atrações para quem visita este espaço.

7.1.2 Localização do edifício Casa da Eira, aldeia do Casal Novo



Ilustração 3- Planta, Aldeia do Casal Novo; Fonte: Autor

7.1.3 Levantamento do Edifício

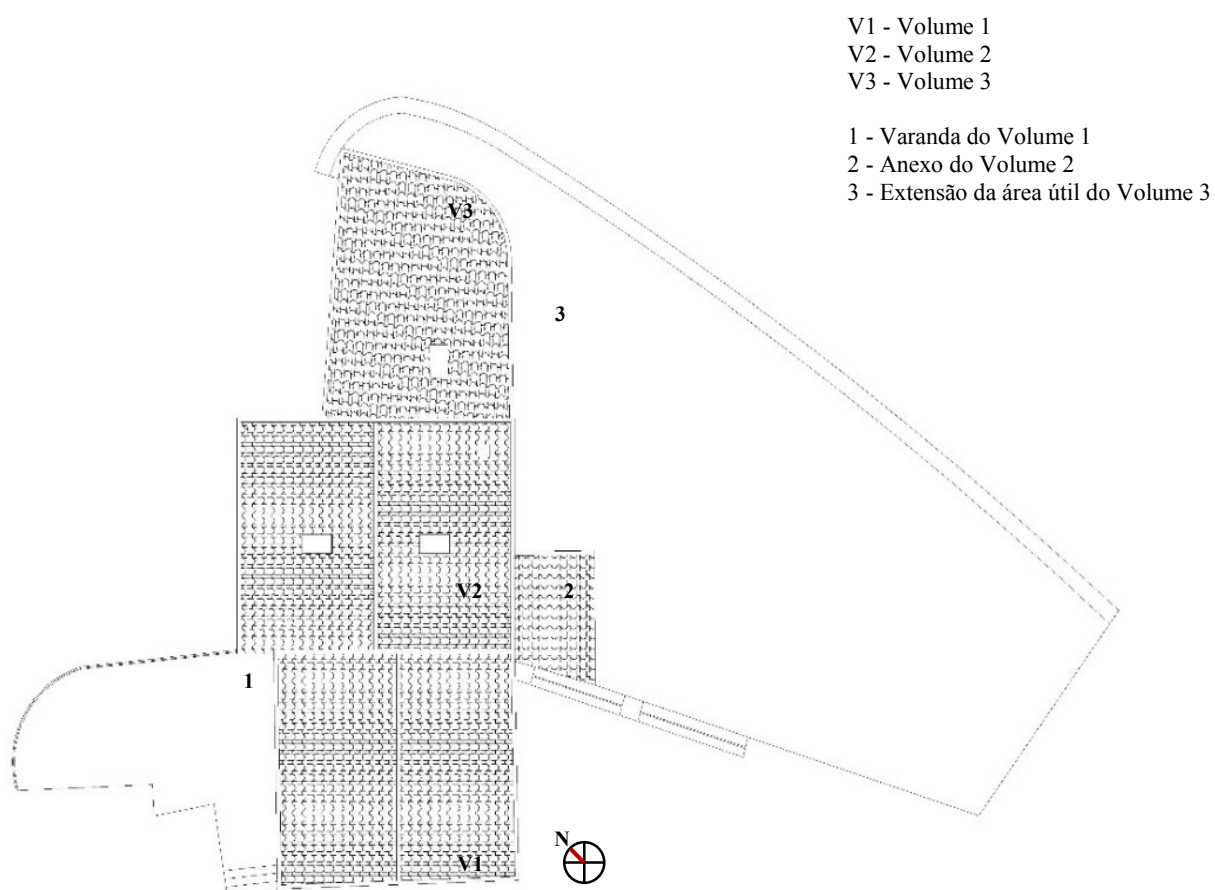


Ilustração 4- Planta de cobertura do edifício a intervir – Casa da Eira; Fonte: Autor

7.1.4 Levantamento fotográfico



Figura 42- Eira, Casal Novo; Fonte: Autor



Figura 43- Eira, Casal Novo; Fonte: Autor



Figura 44- Alçado Ponte; Fonte Autor



Figura 45- Entrada Principal; Fonte Autor



Figura 46- Volume 3; Fonte: Autor



Figura 47- Entrada secundária, volume 1; Fonte: Autor



Figura 42; Entrada secundária; Fonte autor



Figura 49- volume 3; Fonte Autor



Figura 50- Alçado nascente; Fonte: Autor



Figura 51- Chaminé volume 2; Fonte: Autor



Figura 52- Terreno exterior, alçado nascente; Fonte: Autor



Figura 53- Ligação entre os volumes; Fonte: Autor



Figura 54- Acesso ao exterior, alçado nascente; fonte:Autor



Figura 55- Anexo volume 2; Fonte:Autor



Figura 56- Telhado volume 2 e Eira; Fonte: Autor



Figura 57- Terreno exterior; Fonte: Autor



Figura 58- Volume 1, piso 1; Fonte: Autor



Figura 59- Volume 1, piso 1; Fonte: Autor



Figura 60- Volume 1, piso 1; Fonte: Autor



Figura 61- Volume 1, piso 1; Fonte: Autor



Figura 62- Escadas do V1, Piso 1; Fonte: Autor

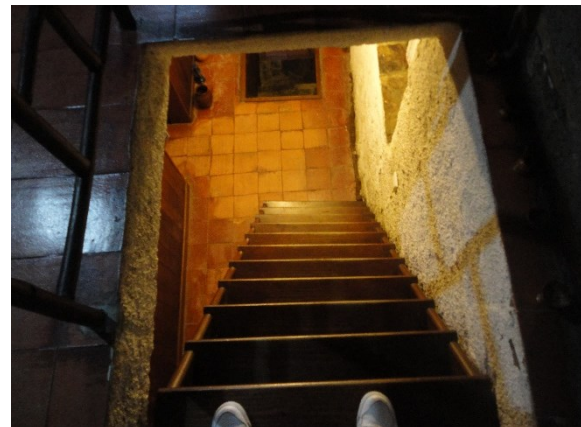


Figura 63- Escadas do V1, Piso 1; Fonte: Autor



Figura 64- Escadas V1, piso 0; Fonte: Autor



Figura 65- Acesso do V1 para V2; Fonte: Autor

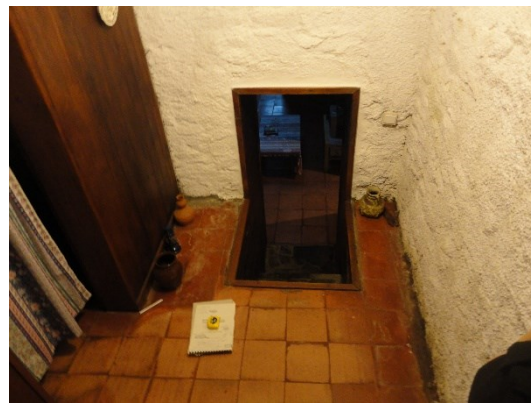


Figura 66- Acesso do V1 para V2; Fonte: Autor



Figura 67- Volume 1, piso 0; Fonte: Autor



Figura 68- Volume 1, piso 0; Fonte: Autor



Figura 69- Volume 2; Fonte: Autor



Figura 70- Volume 2; Fonte: Autor



Figura 71- Volume 2; Fonte: Autor



Figura 72- Volume 2; Fonte: Autor



Figura 73- Lareira, V2; Fonte: Autor



Figura 74- I.S., anexo V2; Fonte Autor



Figura 75- Volume 3, piso 1; Fonte: Autor



Figura 76- Volume 3, piso 1; Fonte: Autor



Figura 77- Acesso ao exterior, V3, piso 1; Fonte: Autor



Figura 78- Volume 3, piso 1; Fonte: Autor



Figura 79- Volume 3, piso 0; Fonte: Autor



Figura 80 - Volume 3, piso 0; Fonte: Autor

Figura 81- Volume 3, piso 0;
Fonte: AutorFigura 82- Volume 3, piso 0;
Fonte: Autor

7.1.5 O edifício

Atualmente a Casa da Eira é composta pela união de 3 pré-existências, sendo difícil de especificar qual teria sido o seu uso original. Hoje funciona como um só. Trata-se de uma habitação de uso sazonal e o seu conjunto está orientado a poente. Os volumes que o compõem estão assentes num terreno cujo declive é algo acentuado.

O edifício possui duas entradas: uma no volume central (V2) a entrada principal e outra no volume mais a sul (V1) entrada secundária. Entrando no edifício, sendo esta feita a partir da eira (ver Fig. 43-45), percebe-se a forma como atualmente é feita a distribuição dos espaços da habitação. A orografia do terreno e a forma como os volumes estão ligados, tornaram a circulação entre os vários espaços desconfortável na medida em que nos deparamos com alguns elementos que para os dias de hoje não são viáveis a nível de mobilidade. Passando a citar, as escadas que ligam os três volumes, principalmente as do volume 1, que mais se assemelham a um escadote (ver Fig. 62-64). É de referir também que na transição entre os vários volumes, as padieiras têm um pé direito reduzido obrigando-nos a baixar ligeiramente, algumas destas alturas fazem parte da fisionomia original destes edifícios que são quase impossíveis de contornar devido às suas características.

No volume central (V2), deparamo-nos com uma construção situada a nascente, um pouco descontextualizada do aglomerado original e que se desenvolve para o exterior (ver Fig. 52 e 55). É notório que esta opção se tomou devido à fácil execução da mesma, quer a nível monetário, quer a nível de área libertada no restante corpo, funciona como instalações sanitárias (ver Fig. 74). Na nossa opinião não foi a melhor opção tomada uma vez que não se enquadra com o resto da malha da aldeia nem pela forma, nem pela sua materialização. Ainda no volume

central constatamos que a lareira que se encontra neste momento não é original não tendo esta muito valor patrimonial (ver Fig. 73).

A norte, onde se situa o volume 3, este compartimentado em dois, contam o acesso á parte exterior orientada a nascente (ver Fig. 77). Pressupõe-se que constituía uma extensão da área útil da habitação destinada ao uso agrícola (Fig. 52, 54 e 57), um espaço fundamental no conceito programático proposto deste projeto.

Relativamente á descrição do edifício e distribuição dos espaços, podemos referir que o volume 1 é composto por dois pisos, ambos os andares deste volume servem de quartos (ver Fig. 58-61, 67-68). O quarto do piso superior tem a particularidade de ter o acesso a um terraço com uma vista privilegiada para a Vila da Lousã. O volume central (V2) de apenas um piso e parte do volume 3, correspondem á área social da habitação constituída por sala, instalação sanitária e cozinha. Na outra extremidade do volume 3, localiza-se mais uma zona privada constituída por um quarto.

Quanto aos materiais utilizados no exterior podemos observar que todo o conjunto é em xisto, pedra da região, usada para a construção destes locais, á exceção de uma das paredes do volume 2, orientada a nascente que em muito descaracteriza esta habitação (ver Fig. 53 e 54). É de referir também que todas elas são estruturais á exceção do anexo do volume 2 que tem apenas o seu revestimento em xisto e que está aplicado de forma diferente, como se pode observar nas (Fig. 49 e 54). As caixilharias e as padieiras são todas em madeira, outro material indissociável da história de evolução destas terras. As coberturas são revestidas com telha cerâmica sendo o volume 1 e 2 de duas águas, o volume 3 e o anexo do volume 2 de apenas uma.

Relativamente ao interior, no piso superior do volume 1 as paredes são todas em xisto no entanto, no piso inferior estas já estão revestidas com reboco e madeira. O volume central, á semelhança do que sucede no piso inferior do volume 1, foi igualmente revestido a madeira e reboco á exceção da parede poente que é toda em xisto. O anexo pertencente a este volume é revestido a azulejo e reboco. O volume 3, na área correspondente á cozinha, encontra-se todo rebocado e a sua extremidade é toda em xisto. Os pavimentos são todos em tijoleira cerâmica do tipo rústico e os tetos são todos em madeira pinho, porém com acabamento de vernizes diferentes.

7.1.10 Organização do Programa

O programa está organizado de forma a aproveitar ao máximo as compartimentações já existentes no edifício. No piso superior do volume 1 propõe-se uma mercearia com acesso independente, mas ao mesmo tempo com ligação ao resto do programa. Queremos desta forma evitar que as pessoas que vêm adquirir os seus bens essenciais se cruzem com todo o programa turístico do edifício, mas que possam frequentar os restantes espaços, se assim o entenderam. Por outro lado, quem vem ao restaurante pode ser convidado a adquirir alguns dos produtos turísticos da região que se encontram á venda na mercearia. No piso inferior propõe-se a cozinha, devido às características do espaço existente e pela proximidade entre a mercearia e restaurante. É bastante relevante ser desta forma pois é aqui que são confeccionados determinados produtos quer para a mercearia quer para o restaurante.

O volume 2 pode ser considerado um espaço mais nobre pela sua amplitude e por ter uma ligação a todos os espaços do edifício, nomeadamente a Eira, é onde se localiza o ponto de fogo e por isso o mais indicado para servir de salão para o restaurante. O volume 3 está destinsado a um bar/café por ter uma ligação direta ao salão do restaurante que poderá dar apoio aos seus serviços e por ter uma comunicação direta com o exterior.

No espaço exterior é onde se desenvolve a esplanada do bar e uma horta. Tal como referido anteriormente o espaço da horta é um dos elementos fundamentais pois este serve como parte da sustentabilidade do edifício fornecendo alguns dos produtos que aqui são consumidos. É também uma forma de reavivar os métodos de produção artesanal indissociáveis da historia destas terras.

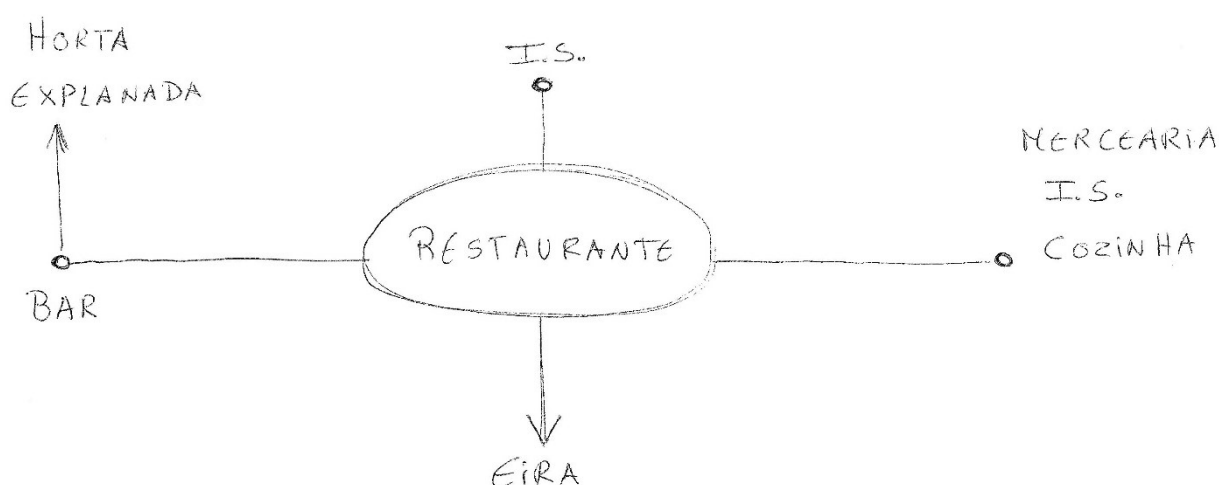


Ilustração 5- Esquema da distribuição do programa; Fonte: Autor

7.1.8 Intenções do Proposta

- Requalificação e reabilitar da aldeia do Casal Novo através da criação de um equipamento de suporte base que sirva as atuais necessidades não só da aldeia mas do conjunto serrano pertencente ao município da Lousã funcionando como uma alavanca de desenvolvimento rural sustentável;
- Criação de um programa sustentável na medida em que insere as vertentes económica, social e patrimonial;
- Dinamizar a estrutura económica e social do meio rural promovendo a revitalização das atividades tradicionais gerando investimentos e riqueza;
- Retirar as aldeias de xisto do esquecimento e abandono;
- Potenciar pequenas economias locais;
- Estimular o emprego dos habitantes locais;
- Fixar residentes;
- Melhorar a qualidade de vida dos residentes;
- Fomentar o carácter de multifuncionalidade do espaço;
- Promover a atividade turística;
- Promover o património edificado;

7.1.7 Intenção do projeto

- Identificar, recuperar, preservar e valorizar o património garantindo a lembrança de um passado na nova estruturação criando contextos para a sua utilização e promoção;
- Privilegiar, manter e enquadrar os pormenores notáveis;
- Promover a unificação entre a forma e função de todo o espaço a intervir;

7.1.11 Conceito espacial

Tendo em conta as pretensões do projeto, o conceito baseia-se na ligação entre os vários volumes através de toda uma lógica assente em 3 princípios: o interior/exterior, circulação (eixo de ligação dos vários usos do edifício) e programa. A intimidade no espaço é outro elemento bem presente neste projeto por ser uma característica indissociável destes espaços quer a nível interior como exterior.

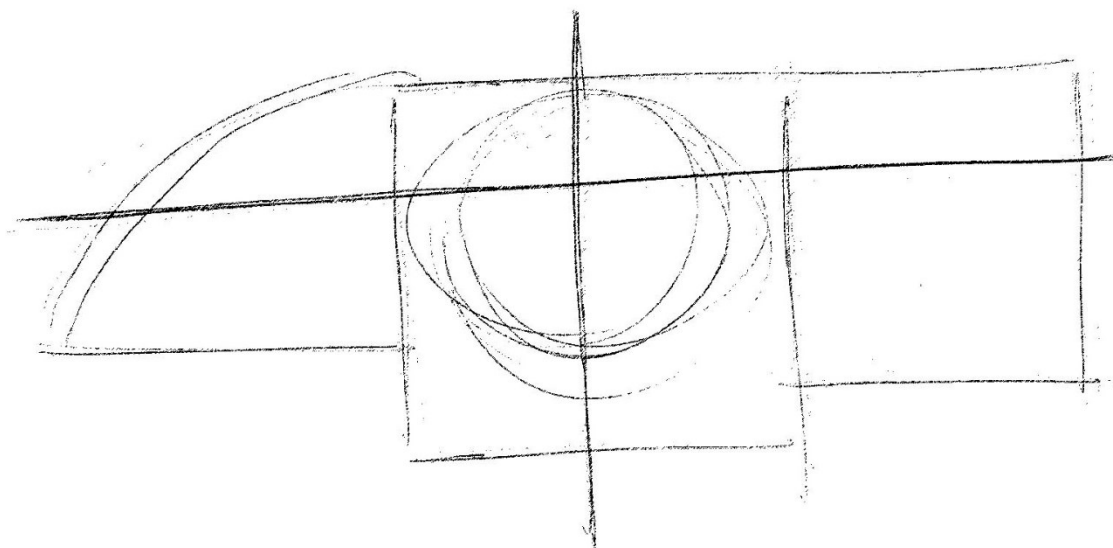


Ilustração 6- esquema conceitual do espaço; Fonte: Autor

Ao longo do tempo, o edifício Casa da Eira tem vindo a ser descaracterizado, onde parte do seu património edificado foi destruído. No interior existe um grande ruído visual provocado pela utilização de materiais e técnicas construtivas aplicadas. Observa-se uma capa sobre algumas das paredes de xisto existentes deixando cair assim parte da história deste edifício. Desta forma, a ideia fundamental para o conceito espacial é conseguir criar uma diferenciação visual entre património e as novas construções a colocar, assumindo duas realidades distintas: o original e o moderno. Outra das questões importantes é manter as várias características deste tipo de edificado: a iluminação natural, os elementos em madeira, nomeadamente os tetos, e todos os elementos em xisto sendo este assumido como elemento principal no espaço, pois é ele que nos transporta para toda a ambiência existente nestes territórios. Todavia, a ideia de projeto é adaptar o espaço aos dias de hoje sendo necessário ir buscar elementos que nos criem uma dinâmica entre o velho e o novo. Com esta adaptação foram trazidas algumas diferenças significativas no edifício como por exemplo, os rasgos efetuados nas transições entre volumes e alguns nivelamentos de pisos, resultando numa ideia de espaço mais amplo e interligado, essencial para o seu bom funcionamento. Com o edifício reabilitado e adaptado á atualidade

conseguiu-se um espaço único onde o património é valorizado através de um contraste significativo de gerações, onde um complementa o outro e, visualmente, o novo vem valorizar o original.

7.1.12 Materialização

O xisto, como elemento principal do espaço, assume todo o protagonismo no edifício quer a nível visual como material. Sendo este o elemento base destas aldeias, necessita de continuar presente no interior dos espaços, no entanto, optou-se por articular novos materiais nas novas construções diferenciando o novo do velho sempre com o objetivo de o realçar. Os novos materiais escolhidos substituem conceptualmente alguns dos existentes. Dos materiais aplicados destaca-se o uso do betão, assumido como um substituto da pedra de xisto por ser um material cru, aparentemente pouco acabado, tal como o xisto, mas com características contemporâneas. Ele aparece na ligação entre os volumes de forma estrutural. Outro material relevante na proposta é o ferro, muito utilizado pelos rurais nos seus instrumentos de lavoura e também pela sua cor escura que traduz as tonalidades do ambiente das aldeias. A madeira surge como um elemento indissociável da história destes espaços bem como dos dias atuais.

É de salientar a história da evolução dos materiais que compõem estes espaços. Anteriormente os pavimentos dos pisos térreos destas construções eram em terra batida. Posteriormente passaram a ser revestidos com cerâmico e, quando começaram a existir pisos superiores estes passaram a ser de madeira. Neste projeto optou-se pela aplicação de microcimento em todo o piso térreo, este surge como uma interpretação moderna da ancestral terra batida. O cerâmico foi aplicado apenas nas paredes das zonas de serviço, nomeadamente cozinha e instalações sanitárias e no piso superior, acompanhando a evolução destes espaços, mantem-se a madeira. As paredes estruturais são todas em xisto, tendo sido estas restauradas, e as novas paredes divisórias nomeadamente cozinha e serviços são em gesso cartonado revestidas a madeira pinho assim como na zona de circulação e cerâmico nas instalações sanitárias e cozinha. A ideia para os tetos passou por homogeneizá-los de forma a ficarem com a mesma tonalidade, ou seja, passarem a estar com acabamento natural.

Sendo o xisto o elemento principal no espaço seria importante que os equipamentos utilizados não o cobrissem. Na mercearia, uma vez que, o espaço é reduzido e sendo indispensável arrumação, foi necessário utilizar todas as paredes como suporte para aplicação de mobiliário adequado a uma mercearia. Não sendo possível desenvolver o espaço sem a utilização das suas paredes e sendo o xisto o principal elemento, seria contraditório tapar este património com

equipamentos opacos. Para tal, foi necessário criar módulos de prateleiras com características de extrema leveza e alguma transparência. Encontram-se desenvolvidos com uma métrica rigorosa numa antítese á orgânica natural que estes espaços apresentam.

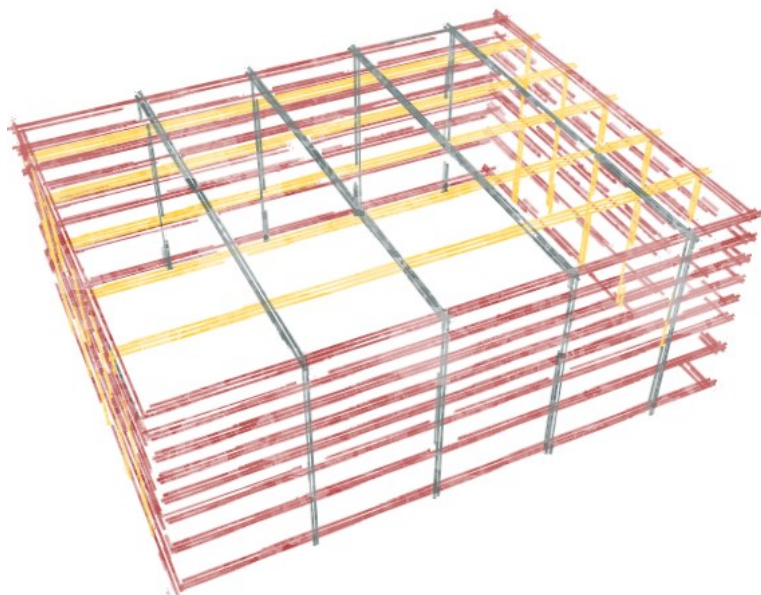


Ilustração 7- Métrica utilizada para os módulos desenvolvidos na área da mercearia

Estes módulos são em ferro, de espessura reduzida e acompanham a fisionomia do edifício, também foi utilizada malha de ferro, também pela sua transparência e leveza. Esta linha de pensamento foi transportada, também para o resto do edifício. No salão os equipamentos são de linhas simples e traduzem uma forma artesanal e crua, visível nas mesas, em tampo de madeira pinho envelhecida em tons cinza e que assentam num suporte de ferro. As cadeiras utilizadas são em malha de ferro, igualmente de linhas simples. Os equipamentos do bar seguem a mesma leitura do salão, embora aqui esteja representada a dependência que os povos destas terras tinham com animais através do revestimento em pele dos bancos e *poufs* presentes no espaço.

Todos os balcões existentes são de betão e acompanham as estruturas utilizadas nos rasgos efetuados no edifício. Os tampos correspondentes são em ferro.

A anterior lareira, era um elemento apenas presente numa divisão, sendo esta de extrema importância, passa agora a servir toda a área térrea. Antigamente o fogo era feito no chão e o fumo extraído através de um buraco existente no teto. A nova lareira, projetada em ferro oxidado e de forma tubular, vem representar a coluna de fumo presente nos locais de fogo originais.

A cozinha pode ser caracterizada por semi-industrial e o forno a lenha assume todo o protagonismo deste espaço. Este, para além de cumprir as suas funções normais, serve também de lareira para o salão principal.

Estes espaços são originalmente escuros, com pouca iluminação, e é uma intenção mante-los desta forma. Por isso, foram utilizados candeeiros que apresentam uma visível simbiose entre o rustico e modernos seguindo as linhas, não só interiores mas, também do exterior das aldeias. As suas lâmpadas têm uma iluminação difusa, pouco intensa que não descaracteriza o espaço.

Esta preexistência é detentor de alguns nichos, nomeadamente no piso superior do volume 1 e no volume 3. Anteriormente estavam ligados a lugares de culto, nomeadamente o nicho que se encontra no volume 1. Não sendo a religião um tema abordado neste projeto, mas não querendo desrespeitar o valor que outrora representava, foram transformados em pontos de luz. É comum ver velas nestes nichos não só no interior mas como no exterior destas aldeias e, atualmente continuam assim representados.

Relativamente aos arranjos exteriores, existe uma proposta de esplanada e horta mas, estes elementos não foram desenvolvidos pois o terreno que se encontra é algo desnivelado sendo necessária uma intervenção qualificada, nomeadamente por um arquiteto.

Peças de autor utilizadas no projeto:








Peça	Autor/Marca	Designação
	<i>Lighting</i> RH	<i>20th c. Factory filament reflector triple pendant</i>
	<i>Lighting</i> RH	<i>20th c. Factory filament bare bulb flushmount</i>
	<i>Lighting</i> RH	<i>Industrial cage filament sconce</i>
	<i>Lighting</i> RH	<i>Industrial cage filament flushmount</i>
	<i>Lighting</i> RH	<i>Varick</i>
	Cadeira Tolix por Chantal Andriot	<i>Tabourets H Perforés avec dossier</i>
	Banco Tolix por Chantal Andriot	<i>Tabourets H Perforés</i>

Tabela 12- Peças de Autor utilizadas na proposta de requalificação; Fonte: Autor

7.2 Modelação 3D da proposta



Figura 83 – Mercaria; Fonte: Autor



Figura 84- Mercaria; Fonte: Autor



Figura 85- Mercearia; Fonte: Autor



Figura 86- Mercearia; Fonte: Autor



Figura 87- Mercearia; Fonte: Autor



Figura 88- Mercearia; Fonte: Autor



Figura 89- Mercearia; Fonte: Autor



Figura 90- Mercearia; Fonte: Autor



Figura 91- Restaurante; Fonte: Autor



Figura 92- Restaurante; Fonte: Autor



Figura 93- Restaurante; Fonte: Autor



Figura 94- Cozinha; Fonte: Autor



Figura 95- Restaurante; Fonte: Autor



Figura 96- Bar; Fonte: Autor



Figura 97- Bar; Fonte: Autor



Figura 98- Bar; Fonte: Autor

CONCLUSÃO

Com o despertar da consciencialização para a problemática que engloba os territórios rurais, sendo estes caracterizados pelas suas múltiplas carências, observa-se uma crescente procura de soluções para a sustentabilidade destes territórios. Observa-se também, um aumento do interesse por parte do público em geral que, cada vez mais afastado de culturas e modos de vida tradicionais procura agora espaços que preencham essas necessidades fazendo mudar a forma como estes territórios são encarados. A percepção do conceito de espaço rural tem vindo a modificar e territórios que, outrora se caracterizavam pela sua vida árdua de economia assente numa base agrícola, são hoje considerados espaços de múltiplos interesses na variedade de recursos que lhe são inerentes, presentemente considerados como objetos de desejo.

Da análise aos novos modelos de intervenção em espaços rurais, ações levadas a cabo no território correspondente à região Centro de Portugal, da análise direcionada ao aglomerado de xisto localizado na serra da Lousã e de um exemplo de sucesso de intervenções em aldeias do xisto da região, não deixa de ser curioso e contraditório que face a estas ações, as aldeias rurais continuem num crescente processo de desertificação com a sua consequente degradação mesmo após terem sido alvo de transformações. Tal facto pode ser explicado através do divórcio das componentes de ação estratégicas definidas para estes espaços.

Para que os territórios possam crescer de uma forma sustentável, as políticas, programas e estratégias, apontam para que as transformações sejam aplicadas através de uma interdependência de vertentes mas, na realidade não é isso que se tem verificado. Observou-se que as ações realizadas estão mais dependentes de outros interesses, nomeadamente no aproveitamento turístico destes territórios sendo que, os restantes fatores são beneficiados para e em função deste. A aposta no setor turístico é certamente um dos principais agentes transformadores de territórios fragilizados mas, se por um lado, são fundamentais para a recuperação económica destes espaços e asseguram a preservação de elementos culturais, por outro podem provocar desequilíbrios nos processos sociais onde por vezes os objetivos vão contra os interesses da população e se a utilização dos recursos não for ponderada podem-se criar perdas permanentes na autenticidade de um local. Estas aldeias estão a ser exclusivamente requalificadas exclusivamente para um novo habitante, o turista e para o seu usufruto nestes territórios, contribuindo para que estes espaços sejam vistos como atrativos rurais que não traduz o verdadeiro carácter, onde não se sente o vínculo entre o homem e o lugar.

Um dos objetivos principais deste trabalho seria refletir e retirar conclusões sobre as diversas intervenções que têm vindo a ser realizadas em aldeias do xisto, de forma criar um utensílio de trabalho capaz de servir as necessidades atuais destes territórios. Pode-se concluir que, para que estas aldeias consigam recuperar verdadeiramente é necessário implementar um conjunto de atividades sociais e económicas que os revitalizem, sem descartar o que marca a identidade e carácter de cada lugar. Estes deverão ser resgatados, mantidos e adaptados reajustando o património construído às necessidades atuais da sociedade. As soluções encontradas devem ser adequadas ao espaço, onde se deverá procurar acrescentar património e não retirar ou substituí-lo, tendo sempre em conta os aspetos relativos à sustentabilidade e, o principal beneficiador destas intervenções devem ser as pessoas, que estiveram na base da sua génese e que, sem elas, todas as tentativas de recuperação poderão estar comprometidas. O turismo deverá estar integrado nestas modificações de uma forma ponderada, a favor da população e não o inverso.

Refletindo sobre o que caracteriza os territórios rurais, especificamente as aldeias do xisto, observam-se uma serie de fatores profundamente complexos, onde o número de intervenções poderá nunca conseguir contornar determinadas características inerentes a estes espaços, como por exemplo o fator isolamento, um dos principais geradores do estão atual destes territórios e que poderá comprometer todos os esforços que possam a vir a ser aplicados nestes lugares. O aglomerado de aldeias pertencentes ao Município da Lousã surge aqui como um caso distinto. Estas aldeias embora com características profundamente rurais, ao mesmo tempo isoladas no coração da serra, também se encontram extremamente próximas de um centro urbano, a Vila da Lousa, num percurso que muda totalmente o seu pano de fundo em poucos minutos. Esta característica distingue estas aldeias da maioria, tornando-as potenciais candidatas a uma real reabilitação. Testemunho disso são duas das suas aldeias vizinhas, Vaqueirinho e Catarredor, desde há muito habitadas e por um grupo de pessoas numa faixa etária muito jovem. Dadas as características que estas aldeias são detentoras considera-se pertinente a elaboração de uma proposta de requalificação para este aglomerado de xisto.

Para a proposta de requalificação considera-se fundamental avaliar as questões inerentes aos novos usos a atribuir. O conteúdo programático aplicado numa das aldeias do núcleo, a aldeia do Casal Novo vem suprimir não só, algumas das necessidades gerais desta aldeia, mas também do grupo em questão em que todas acabam por beneficiar desse projeto tornando este, mais abrangente e consolidado. Considera-se que a proposta demonstra uma melhor adequação às premissas estipuladas no sentido da sustentabilidade dos territórios rurais, vindo corrigir algumas das lacunas encontradas nas ações aplicadas proveniente dos programas de reabilitação

para estas aldeias. Apresenta a criação de um equipamento de infraestrutura básica (Mercearia), que vem preencher uma lacuna transversal a todas as aldeias, suprimindo uma das mais básicas necessidades dos poucos habitantes existentes e possíveis, futuros residentes desta aldeia sendo esta um convite a pessoas que por aqui passam a ponderar este território como um potencial local para viver. A criação de um produto turístico inovador (espaço multifuncional) onde são valorizados os contextos do mundo rural na medida em que reaviva culturas, potência o turismo (restaurante e bar) e métodos de produção ancestrais (horta) como complemento à produção de alguns produtos para consumo próprio do espaço sendo que este elemento, futuramente, deveria ser estendido a campos adjacentes às construções, potenciando uma economia própria e mais forte. Este programa tem como principal usufruidor destas modificações o homem.

Este projeto não será a resposta a todos os problemas deste território, contudo poderá ser uma solução a equacionar na medida em que poderá ser um desencadeador de processos de desenvolvimento sustentáveis para estes territórios.

BIBLIOGRAFIA

1.^a Revisão Plano Diretor Municipal (PDM) da Lousã. 2.^a série, no - N.º130. (2013). Diário da Republica.

ACFP. (2004). Plano de Ação Integrada para a Freguesia do Piódão. Arganil: Associação de Compartes da Freguesia do Piódão.

ADXTUR. (2009). *Documento Estratégico, Aldeias do Xisto- Anexo 1, EEC, RAX*.

ADXTUR. (Janeiro 2009). *Aldeias do xisto, A descoberta omeça aqui*. EEC, Rede das Aldeias do Xisto.

Art. 1.º do Decreto-Lei 93/90. (19 de Março).

Atlas Desportivo da Lousã. (2007). Coimbra: Centro de estudos Geográficos.

Benítez, C. P. (2011). *ARQUITECTURE & MATERIALS*. (L. Publications, Ed.) Editorial Projects.

Câmara Municipal da Lousã. (Abril de 2014). *Proposta de Classificação Patrimonial das aldeias do Candal, Casal Novo, Cerdeira, Chiqueiro e Talasnal*.

Carvalho, P. (2009). *Património construído e desenvolvimento em áreas de montanha – O exemplo da Serra da Lousã*. Lousã: Câmara Municipal da Lousã.

Carvalho, P. (2013). *Desenvolvimento em Áreas de Montanha: Notas Geográficas a partir da Cordilheira Central Portuguesa*. Fundación Universitaria Andaluza Inca Garcilaso para eumed.net.

Carvalho, P. (2013). *Desenvolvimento Rural: Prespectivas Geográficas* . Fundación Universitaria Andaluza Inca Garcilaso para eumed.net.

CCDRC. (Maio de 2011). Plano Regional de Ordenamento do Território do Centro. Coimbra: Prot-Centro.

CCRC. (Setembro de 1999). Comissão de Coordenação da Região Centro. Programa das Aldeias Históricas de Portugal. Beira Interior: 2ª edição.

Champetier, Y. (1998). *El Recurso Patrimonio*. LEADER Magazin nº 17.

Cluny, H. d. (2012). *A Paisagem e Ordenamento do Território: convergência de políticas*. Associação Portuguesa de Arquitectos Paisagistas, Lisboa.

Correia, J. B. (2009). *Turismo, Património e Desenvolvimento em Ambientes de Montanha - o exemplo do Piódão (Cordilheira Central)*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: Dissertação de Mestrado na área de Geografia, especialidade em Ordenamento do Território.

DL 89/90 de 16 de Março, CAPITULO I, artigo 2.º. (s.d.).

EEC Rede das Aldeias do Xisto. (Janeiro 2009). *Aldeias do Xisto, A descoberta começa aqui*. ADXTUR.

Ferrão, J. (2000). *Relações entre mundo rural e mundo urbano: evolução histórica, situação atual e pistas para o futuro*. Santiago: EURE - Instituto de Ciências Sociais.

Ferreira, P. N. (2011). *Programa de recuperação de Aldeias Históricas em Portugal: um balanço*. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra: Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura.

Figueiredo, E. (2001). *O Rural como Reserva Ambiental- O Lugar do Ambiente nas Procuras Externas das Areas Rurais de Portugal*. In *IV Colóquio Ibérico de Estudios Rurales*. Santiago de Compostela.

Figueiredo, E. (2004). “*Quantas mais ‘aldeias típicas’ conseguimos suportar? Algumas reflexões a propósito do turismo como instrumento de desenvolvimento local em meio rural*” In *Encontro em espaços rurais, 1*. Coimbra: Instituto Politécnico de coimbra.

GPPAA, Gabinete de Planeamento e Política Agro-Alimentar. (2007-2013). *PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL: Objectivos estratégicos e princípios orientadores de programação*.

Marques, M. I. (2002). *O conceito de espaço rural em questão*. Universidade de São Paulo.

Mascaranhas, J. (Agosto de 2007). *Sistemas de Construção IV- Coberturas Inclinaadas (1ª parte)*. Em *DESCRIÇÃO ILUSTRADA E DETALHADA DE PROCESSOS CONSTRUTIVOS UTILIZADOS CORRENTEMENTE EM PORTUGAL (2ª Edição ed.)*. Livros Horizonte.

Mascaranhas, J. (Setembro de 2010). *Sistemas de Construção III*. Em *PAREDES (2ª PARTE) E MATERIAIS BÁSICOS (1ª PARTE)* (Vol. III). Livros Horizonte.

Moreira, M. (Junho de Junho de 2004). *Património Rural em Portugal - Um contributo para o desenvolvimento sustentado do interior português*. Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa.

NICIF, N. d. (2006). *Recuperação do património e das paisagens de socos em lugares das serras do Açor e da Estrela*. Faculdade de letras da universidade de Coimbra, Lousã.

Pais, C., & Gomes, B. (2008). *O Espaço Rural no âmbito das Políticas de desenvolvimento: O Caso do Pinhal Interior*. coimbra: Comunicação apresentada no VII Colóquio Ibérico de Estudos Rurais- Cultura Inovação e Território.

PAIVA, J. (17 de Julho de 1988). *O Coberto Vegetal da Serra da Lousã in Jornadas de Cultura e Turismo*. Câmara Municipal da Lousã.

PNPOT. (4 Setembro 2007). *Programa Nacional de Política de Ordenamento do Território - Lei n.º 58*.

Quintas, C. (Abril de 2000). *O mito da interioridade - desenvolvimento local no Alentejo*. Atas do IV Congresso Português de Sociologia. 2.

República, D. d. (9 de julho de 2013). 2.ª série , N.º 130 .

Ribeiro, M., & Mergulhão, L. (19 Abril 2000). *Turismo e desenvolvimento das regiões do interior: A perspectiva dos autarcas*. Atas do IV Congresso Português de Sociologia - Sociedade Portuguesa: Passados Recentes, Futuros Próximos. Universidade de Coimbra.

Silva, M. L. (2009). *Aldeias de Xisto, Construção das Imagens do turismo. Caso Estudo-Gondromaz*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura . Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra .

Silva, M. L. (2009). *Aldeias de Xisto, Construção das imagens do turismo. Caso estudo-Aldeia de Gondromaz*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Coimbra: Departamento de arquitectura da Faculdade de Ciencias e Tecnologia.

Simões, Rui- ADXTUR. (28 de Outubro). Workshop " Territórios de baixa densidade: que futuro?". Trancoso: Auditório do Convento dos Frades.

Varela, J. A. (1992). *Agricultura e o Espaço Rural*. Lisboa: Ministério da Agricultura.

BIBLIOGRAFIA DIGITAL

<http://www.wttc.org/mission/tourism-for-tomorrow/>.

<http://adfp.pt/seccao/index.php?x=231&Pag=13>.

<http://aldeiasdoxisto.pt>.

<http://cerdeiravillage.com/pt/>.

http://fotos.sapo.pt/sem_stress/fotos/?uid=6kzcPdNFu3hjc0aC3Fb.

<http://fotoxisto.aldeiasdoxisto.pt/institucional/9/5>.

<http://gostodetidaquialua.blogspot.pt/>.

<http://plantadoxisto.webnode.pt/>.

<http://plantadoxisto.weebly.com/imprensa.html>.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Xisto>.

<http://www.aldeiashistoricasdeportugal.com/>.

<http://www.apimel.pt/produtos.htm>.

<http://www.cm-lousa.pt/>.

<http://www.l4craft.com/index.html>.

<http://www.licorbeirao.com/pt/licor-beirao/>.

<http://www.wttc.org/>.

ANEXO